

**VIVIANE HANSEN**

**TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS:  
RELACIONAMENTOS E SOCIABILIDADE**

Dissertação de Mestrado defendida como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

**VIVIANE HANSEN**

**TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS: RELACIONAMENTOS E  
SOCIABILIDADE**

Dissertação de Mestrado defendida como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

**Orientador: Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao chegar neste ponto da minha caminhada penso em todos os que fizeram parte dela desde o seu início. Quando eu falo início não se trata de mínimos dois anos atrás, mas sim, do ano de 2000, quando ingressei na UFPR. Durante este percurso sempre fui apoiada pelas pessoas mais importantes da minha vida, minha família. Desde a entrada na Universidade até hoje eles estiveram presentes nas alegrias e dificuldades, entendendo, compreendendo e apoiando todos os momentos. Meu obrigado ao Valdir, Vera e Angela. Amo vocês.

Ainda nesse período amigos marcaram a minha caminhada. Deles também tive muito apoio, mas poucos continuam comigo até hoje. Quero representar estes poucos através da minha sempre amiga Suzana. Sem palavras para agradecer tudo, tudo, tudo.

Em fase de concluir minha graduação passei, assim como todos os que receberam o diploma de graduados em Educação Física, pela construção da monografia de conclusão de curso. Neste processo, em meio à dificuldade da escolha do tema a que me dediquei um ano de estudo, conheci, o agora Doutor, André Mendes Capraro que uniu a minha paixão pela emoção que move o futebol com uma metodologia bastante intrigante, formando assim, o tema da minha primeira pesquisa de campo no âmbito do futebol.

Após um ano concluí o trabalho que demonstrou a presença feminina na Torcida Organizada Os Fanáticos. Na época já teci alguns agradecimentos a esse mestre que, mesmo sem ter tido nenhum contato prévio comigo, embarcou neste desafio. Agradeço novamente aqui, pois afinal, foi através dessa pesquisa que me aproximei do objeto com o qual concluo esta etapa. Agradeço também pelo incentivo para que eu continuasse neste caminho, fazendo-se sempre presente principalmente nos momentos de dificuldade.

Formada e sem querer deixar de estudar procurei uma especialização. Realizei este curso na PUC-PR elaborando mais um estudo junto à torcida de

futebol. Com a ementa do curso pautada no lazer, resolvi buscar junto aos torcedores, como esse lazer era realizado dentro do estádio e em seu entorno. Mais do que todo o conhecimento adquirido no curso, ele me rendeu algo bastante importante: amigos. Fica aqui então, o meu agradecimento a eles, que estão ao meu lado desde esta fase e que compreenderam e apoiaram os momentos de ausência e de interiorização nestes últimos tempos. Sapulha, Wilhen, Nane, Renata e Ales. Vocês também fazem parte dessa história.

Ao ingressar no mestrado fui acolhida por um doutor que me orientaria durante este processo: Fernando Renato Cavichioli. Estes parágrafos são poucos para descrever tudo o que passamos durante estes dois anos de convivência. Por isso, limitar-me-ei a agradecer por ter aceitado comigo este desafio, esforçando-se sempre mais para aproximar-se do “estranho”. Obrigada por todas as dicas, conselhos, “construções e desconstruções”. Obrigada por sempre estar disposto (mesmo quando eu te deixava meio louco) e pela paciência e compreensão. Obrigada pelas broncas e conselhos. Desculpe qualquer entrevero. Espero ter correspondido e que nosso propósito tenha sido firmado: “terminar sim, mas terminar com qualidade”. Que este convívio possa nos render uma amizade duradoura.

Seria excelente se eu conseguisse lembrar de todas as pessoas que se fizeram presentes nas salas, participando das mesmas disciplinas e compartilhando das discussões. Como não é possível deixo aqui meu agradecimento para quem se tornou bastante importante, apoiando-me e incentivando até o fim. Estas pessoas foram força e alento: Euza, Beth, Bruno, Jakson e meu sempre amigo Jeulliano. A vocês também o meu obrigado.

Agradeço igualmente ao meu grande companheiro Rafael que, apesar de estar um pouco distante neste último momento, sempre esteve ao meu lado. Obrigada, suas palavras sempre foram uma motivação a mais.

Quem também passou a estar mais tempo ao meu lado neste período são as minhas colegas de trabalho, passando a trabalhar todos os dias, meu contato com elas passou a ser diário. Nossas conversas na hora do almoço foram importantes para o alívio de certas tensões proporcionadas pelas cargas

acumuladas. Obrigada Lu e meninas. Com medo de ser injusta prefiro dizer que todas são importantes para mim.

Nos bastidores, agradeço a minha “equipe de apoio” que ajudou a dar as formas técnicas para o meu trabalho. Rosa e Mendes (amo vocês), Cidinha, Cristiano, Lu e Maurício.

Ao chegar ao fim de mais uma jornada, quero agradecer aos que estiveram presentes contribuindo para que nosso propósito, já anteriormente citado, fosse cumprido com propriedade: Fernando Marinho Mezzadri, obrigada pela disponibilidade e pelo esforço do “distanciamento/envolvimento”. Tenha a certeza de que sua visão e contribuições foram muito importantes para a pesquisa e para a vida; Marco Paulo Stigger, agradeço também pela disponibilidade – deslocando-se por duas oportunidades. Suas colocações foram essenciais para esta e para pesquisas futuras.

Com o fim do mestrado mais uma etapa se conclui; mais um ciclo se fecha. Obrigada Deus por todas as páginas desta caminhada. Esteja sempre comigo e com todos os que fazem parte da minha vida!

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>CAPÍTULO I - PROCEDIMENTO METODOLÓGICO</b> .....	08
<b>CAPÍTULO II - A TORCIDA E SEUS ESPAÇOS</b> .....	14
2.1 OS ESPAÇOS.....	16
2.1.1 A Sede da Caveira .....	16
2.1.2 No Estádio.....	27
2.2 MANIFESTAÇÕES DA TORCIDA.....	30
2.2.1 Cânticos e Rituais .....	30
2.2.2 Pelas Ruas.....	34
<b>CAPÍTULO III - A ORGANIZAÇÃO DA TOF</b> .....	39
3.1 DIRETORIA.....	41
3.2 BATERIA.....	45
3.3 FUNCIONÁRIOS.....	48
3.4 COMANDOS .....	52
3.5 A INTERAÇÃO ENTRE OS MEMBROS E A FORMAÇÃO DE PEQUENOS GRUPOS.....	54
<b>CAPÍTULO IV - CONFLITO E SOCIABILIDADE</b> .....	57
4.1 RELACIONAMENTO ENTRE AS TORCIDAS .....	59
4.1.1 Inimizade.....	59
4.1.2 Amizades e Alianças .....	65
4.2 RELACIONAMENTO COM AS INSTITUIÇÕES.....	69
4.2.1 Polícia Militar .....	69
4.2.2 Clube Atlético Paranaense .....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	90
<b>ANEXO</b> .....	93

## LISTA DE FIGURAS

Figura nº 1 – Fachada antiga .....	17
Figura nº 2 – Teto solar .....	21
Figura nº 3 – Caveira maciça .....	22
Figura nº 4 – Interior do bar.....	23
Figura nº 5 – Viveiro de pássaros .....	25
Figura nº 6 – Nova fachada.....	26
Figura nº 7 – Torcida na arquibancada .....	28
Figura nº 8 – A bateria no Estádio.....	46

## RESUMO

Perpassando o olhar sobre o futebol como esporte espetáculo, percebe-se a torcida como um dos elementos pertencentes a esse meio. A maioria dos Clubes profissionais de futebol possui uma torcida organizada. Focadas pela mídia como formadoras de belas festas e também como promotoras de vários atos violentos as organizadas são vistas por esses segmentos apenas superficialmente. É sobre isso que trata este trabalho, cuja pesquisa, buscou ir além dos aspectos visíveis da torcida, por meio da observação do cotidiano de uma torcida organizada curitibana, qual seja, a Torcida Organizada Os Fanáticos. Percebendo a instituição como um todo, uma questão que chamou bastante atenção foi a interação entre os diversos membros formadores de vários subgrupos dentro do grande grupo. Descreve-se também, os cenários da cidade que compõe os pedaços ocupados pela Torcida Organizada e seus principais símbolos de reconhecimento da torcida e como eles são utilizados no dia-a-dia e nos rituais desenvolvidos pelo grupo. Através de uma pesquisa etnográfica, foi possível registrar nas páginas que se seguem, capítulos que relatam a sociabilidade entre os membros da torcida e entre os atores que fazem parte do âmbito futebolístico.

Palavras-chave: torcida organizada, sociabilidade, futebol.



## **ABSTRACT**

At a glance, a soccer match brings to one's attention its passionate fans. Most professional soccer teams have their herd of fervent followers. Those followers are often seen in the media as promoters of wonderful spectacles but also as perpetrators of violent acts. The paper argues that the media's portrayal of the fans is overly simplistic. The paper looks beyond the soccer fans, focusing at the everyday life of a particular fan club, "The Fanatics", a well structured soccer fan club in Curitiba, Brazil. Looking at the group in its entirety, the first aspect studied was the interaction among the diverse members of subgroups within the larger group. Moreover, sceneries of small parts of the city that make up the surroundings where fans dwell, the group's main symbols and how they are used in their everyday rituals are studied. Through an ethnographic research the paper records the sociable ness among the fans and among actors that are part of the soccer environment.

**Key words:** soccer fan club, sociability, soccer.

## INTRODUÇÃO

Ao lançar um olhar sobre a cidade e sobre a sociedade contemporânea, é perceptível observar o esporte como um forte fenômeno sociocultural. São inúmeros os locais e as situações que abrangem manifestações esportivas, sejam elas para a prática do indivíduo ou pela apreciação do esporte espetáculo. E o futebol é um dos esportes mais conhecidos, sendo praticado e admirado pelo cidadão brasileiro.

Desde o início da formação dos primeiros clubes em São Paulo, onde a diferença étnica ainda era bem acentuada, o futebol atraía multidões não só nos estádios, mas também nas sedes dos clubes, como comprova a citação de Paoli:

(...) o futebol era coisa de homens, discutida nos bares, mas também nas ruas, e assunto familiar nas refeições. Ao que tudo indica famílias extensas começaram a se aglutinar em torno das associações e clubes que os times organizados geraram. Embora com sedes separadas etnicamente, estes clubes logo começaram a promover bailes aos sábados, e estes promoveram, também, um começo de integração interétnica (...) (PAOLI, *apud* TOLEDO, 1996 p. 18).

No transcorrer do século passado, a interação entre os torcedores começou a nascer em grupos de torcedores, por uma vontade maior de apoiar o time e de fazer a diferença dentro dos estádios em dias de jogos. Foi então que, sorrateiramente, foram surgindo as inicialmente chamadas Torcidas Uniformizadas.

No Brasil, não é possível precisar exatamente quando essas torcidas surgiram. Autores como Pimenta (1997) e Toledo (1996) acreditam que na década de 40<sup>1</sup> já surgiam as primeiras torcidas uniformizadas, regidas por um chefe e sem nenhuma organização burocrática.

O chefe tinha o comando sobre os demais sendo popularmente chamado de torcedor-símbolo. Na época, os chefes das torcidas eram, em sua maioria, vinculados ao Clube e mantinham os torcedores sobre uma disciplina quase severa. O objetivo maior da torcida era apenas incentivar o seu time sem ver os adversários como inimigos e muito menos, sem utilizar força física para superá-

---

<sup>1</sup> E apontam a Charanga Rubro-Negra (do Flamengo) como a primeira Uniformizada.

los. O comando era superar os adversários nos cantos, na animação, nas bandeiras e nas batucadas<sup>2</sup>.

A partir de 1970 muitas mudanças ocorreram no cenário do futebol brasileiro. Nesse período, o futebol nacionalizou-se e internacionalizou-se, atraindo maior público, mas também, transformou-se em mercadoria. Com isso, mercadoria, o futebol contou com significativo investimento por parte do Estado, na estrutura de base. Vários estádios foram construídos e a criação da Loteria Federal e do Campeonato Brasileiro de Futebol fez com que a economia do futebol passasse a fazer parte do giro de mercado do país.

Também data de 1970 a conquista do tri-campeonato mundial. A tendência do Brasil em ser conhecido como país do futebol foi reafirmada após a conquista da Copa do Mundo de Futebol, no México em 1970. Esse reconhecimento refletiu-se nas arquibancadas, aumentando o número, já bastante expressivo, de simpatizantes pelo esporte. Conseqüentemente, veio o aumento no número de torcedores presentes nos estádios.

As uniformizadas também acompanharam esse ritmo e com o crescimento tornaram-se organizações maiores, passando a chamar-se de torcidas organizadas. Essas modificações extinguiram o torcedor-símbolo chamado de chefe, surgindo um organograma mais complexo, cuja peça principal era denominada de presidente.

Desde então, muito se fala sobre as torcidas organizadas na mídia. Uma transmissão televisiva de um jogo de futebol mostra a exibição da torcida através de faixas, bandeiras e cânticos. Outro ponto também bastante focado é a violência pela qual, muitas torcidas são rotuladas e avaliadas.

Todavia, dificilmente uma torcida organizada é vista na sua amplitude e no seu contexto, com todas as relações que ela implica. Como já dito anteriormente, uma torcida organizada possui um organograma bastante complexo e abriga pessoas totalmente diferentes em seus espaços. Essa constatação foi verificada na primeira pesquisa, datada de 2003, quando esta pesquisadora teve a possibilidade de permear o universo de uma torcida organizada. Ao verificar a presença feminina na torcida, notou-se que a organização era bastante heterogênea e composta por diferentes estilos de indivíduos, unidos pela

---

<sup>2</sup> Cf. Toledo, em sua obra *Torcidas Organizadas de Futebol*, 1996.

identificação ao Clube e ao grupo. Foi possível perceber também, as inúmeras funções que são distribuídas entre os membros, o que faz com que subgrupos sejam criados dentro do grande grupo.

Sabendo da grande heterogeneidade de fatores, a pesquisadora resolveu voltar a campo com o seguinte questionamento: como ocorre a sociabilidade entre os diferentes membros da Torcida Organizada Os Fanáticos e entre essa torcida e os outros atores que compõe o meio do futebol?

Apoiada em alguns estudos sociológicos que observam os fenômenos esportivos e, utilizando a metrópole como pano de fundo, a opção recaiu sobre uma pesquisa etnográfica, para centrar maior atenção diretamente a este fragmento do fenômeno esportivo.

Ainda por uma questão de escolha pessoal, inicia-se aqui, a descrição da organização que se vai tratar neste estudo. A escolha de apenas uma Instituição se deu para demonstrar as relações sociais que permeiam uma torcida organizada sem comparar diversas organizações.

No estado do Paraná, ainda na década de 70, surgiram as primeiras torcidas organizadas<sup>3</sup>. Em 24 de outubro de 1977, surgiu a Torcida Organizada Os Fanáticos, do Clube Atlético Paranaense, contemplada neste estudo.

Tudo começou com a iniciativa de apenas alguns jovens que, aos poucos, a organização foi se incorporando e ganhando líderes. A Torcida Organizada Os Fanáticos logo conseguiu o apoio do Clube e de alguns dirigentes da época, adquirindo bandeiras faixas e uma charanga.

Do nascimento até os dias de hoje uma história permeia a Torcida Organizada Os Fanáticos. Dessa história surgiram organogramas e configurações que regem a torcida nos dias atuais. Para verificar tais constatações valer-se-á de uma análise antropológica<sup>4</sup>.

Desde seu surgimento, a antropologia se propôs a compreender os costumes estranhos de populações estudadas pelos europeus, nas suas incursões por outras regiões do mundo. Observando os comportamentos coletivos, começou-se a perceber que eles não são naturais, mas construídos

---

<sup>3</sup> Sucedendo outras torcidas “uniformizadas” como a Torcida Jovem e o Esquadrão da Torcida Atleticana (ETA) recentemente ressurgindo no mundo do futebol

<sup>4</sup> Elemento que será explicado no item metodologia.

socialmente e que todos os comportamentos e padrões sociais, por mais estranhos que sejam, fazem sentido e possuem significados.

A busca de transformar o *estranho em familiar* persistiu por diversos anos fazendo com que antropólogos europeus abandonassem sua terra para viver próximo a outros povos, como foi o caso de Evans-Pritchard na sua obra Os Nuer “Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota” (Evans-Pitchard, 1940). Logo no início da sua obra, o autor enfatiza que todo o seu tempo é gasto em presença dos Nuer e que da porta da sua barraca observava toda a movimentação. Evans-Pitchard mudou-se para o povoado passando a morar junto com o grupo pesquisado.

O fato de estar presenciando os fatos mais de perto não dá certeza de objetividade, mas a partir deste ponto, antropólogos começaram a perceber que o *campo* a ser estudado pode ser visto — fazendo uma analogia com Evans-Pritchard — da janela da sua casa, ou seja, o campo pode ser a cidade e os grupos nela inseridos. Inicia-se aí, a busca para transformar o *familiar em estranho*. E foi em busca de descobrir como se desenvolvem práticas culturais e sociais na sociedade contemporânea que os antropólogos foram além do estudo dos povos primitivos, passando a ter o grande desafio de estudar sociedades organizadas.

As torcidas organizadas de futebol já foram incluídas, por outros pesquisadores, nessa lógica. Afinal, o que acontece portão adentro das Sedes das TOs<sup>5</sup> é *estranho* para muitos indivíduos que desconhecem os fatores que permeiam um grupo social como este que faz parte da cultura do futebol, formando teias de sociabilidade entre seus membros, como defende Geertz: “Acreditando como Max Weber<sup>6</sup>, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de um significado” (GEERTZ, 1989, p.15).

---

<sup>5</sup> Torcidas Organizadas.

<sup>6</sup> Max Weber (1864-1920), economista e sociólogo alemão, promotor de uma sociologia dita “compreensiva”, totalmente objetiva, sem julgamento de valor.

Portanto, para analisar este fragmento pertencente à cultura do futebol e percebendo as teias que permeiam este meio, ao adentrar a torcida para fazer esta pesquisa, o questionamento pautou-se em como se tece a sociabilidade entre os membros portão adentro e como estes se relacionam com dirigentes e organizadores do futebol espetáculo.

Segundo Elias, a sociabilidade é um elemento básico do lazer, desempenhando “um papel na maioria das atividades de lazer, senão em todas. O que significa dizer que um elemento do prazer é o sentimento agradável vivido pelo fato de se estar na companhia dos outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles, para além daqueles que se têm voluntariamente” (ELIAS, 1985, p.179).

Em se tratando de um ambiente freqüentado por vários indivíduos a sociabilidade ocorre em diferentes momentos e nas mais diversas situações. Para observar como ela ocorre, foram seguidos tópicos que, segundo Magnani (1994), devem ser analisados no contexto de um grupo pertencente à metrópole. São eles: o cenário, os atores e as regras.

Para que a pesquisa fosse realizada a contento, que todos esses elementos fossem analisados e demonstrado como acontecem as relações dentro da torcida, explicita-se aqui, os objetivos que pautaram a observação e em que momento da pesquisa eles serão contemplados, de modo a situar o leitor no texto, explicando parte do que vai ser escrito em cada capítulo.

Devido ao programa de mestrado ser da área da saúde, notou-se, durante o percurso burocrático, algumas dificuldades por parte dos pareceristas e componentes do comitê de ética, em compreender a metodologia utilizada neste trabalho. Sendo assim, para enfocar de forma mais clara a utilização da etnografia, abre-se um capítulo exclusivo para a metodologia. Portanto, o primeiro capítulo introduzirá o leitor ao método utilizado para a realização da pesquisa de campo.

No primeiro capítulo referente à pesquisa de campo, a pesquisadora propôs-se a mapear os espaços ocupados pela torcida e verificar a apropriação desses ambientes. Juntamente com a descrição dos espaços, contempla algumas manifestações ocorridas nas ruas, no Estádio e na Sede da torcida, de forma que se possa perceber a linguagem torcedora em diferentes locais, sendo estes do

cenário esportivo ou parte do entorno do Estádio. As diversas formas de participação dos diferentes tipos de torcedores também será foco, bem como a sociabilidade tecida através das manifestações em prol do Clube.

No segundo capítulo, o objetivo contemplado foi o de descrever, baseada nas observações e entrevistas, como é composto o grupo e quais os subgrupos que fazem parte do todo. Estes subgrupos serão apresentados juntamente com as funções realizadas dentro do grupo e o relacionamento entre os membros dos mesmos subgrupos e de subgrupos diferentes também foi contemplado. Como a diretoria foi considerada como um subgrupo, esse capítulo relata um pouco das configurações que regem a TOF<sup>7</sup> e que foram criadas por essa gestão e por gestões antecessoras.

Como capítulo final as relações sociais da torcida serão o principal foco. Apresenta-se ao leitor, quatro grupos que a torcida organizada tem proximidade: as torcidas rivais, as torcidas aliadas, os órgãos públicos e a diretoria do Clube Atlético Paranaense. Dentro de cada item demonstra-se a relação, pacífica ou hostil, que a Torcida Organizada Os Fanáticos tem com cada grupo, procurando enfatizar os focos principais de aproximação da TOF. Nesse capítulo, a violência aparecerá como um dos motes de sociabilidade, assim como a repulsa e cordialidade.

A análise antropológica de um tema emergente como Torcidas Organizadas é interessante para que sejam desmitificados certos estereótipos que, embora freqüentemente aplicados a esse tipo de organização, muitas vezes não possuem fidedignidade, “rotulando” indivíduos e até mesmo o grupo todo. Esses rótulos são muitas vezes utilizados de forma homogênea a todas as torcidas, independente do tamanho e da região a qual pertencem.

Ou seja, esta pesquisa, através dos objetivos propostos, procurará mostrar que a torcida organizada vai além do conceito que permeia o senso comum, isto é, de que ela é formada apenas por um estilo de indivíduos<sup>8</sup> e que possui apenas um objetivo<sup>9</sup>. A união, os laços de amizade e de coletividade entre indivíduos de diferentes faixas etárias, credos e classes sociais, análises presentes no trabalho,

---

<sup>7</sup> Torcida Organizada os Fanáticos

<sup>8</sup> Os marginais

<sup>9</sup> A violência

contribuirão para demonstrar uma organização que pode ir além do objetivo pela qual ela é inicialmente formada, que é o de apoiar o Clube.



## 1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Em se tratando de metodologia, esta pesquisa sociológica foi realizada utilizando basicamente três instrumentos concretos, os quais serão explicitados no decorrer deste capítulo. O primeiro deles configura-se como o mais importante instrumento da antropologia, a construção do diário de campo, realizada através da etnografia<sup>10</sup> do grupo estudado. Tal procedimento foi adotado pensando nos escrúpulos abaixo explicitados:

A abordagem antropológica de base, a que todo pesquisador considera hoje como incontornável, quaisquer que sejam por outro lado suas opções teóricas provêm de uma ruptura inicial em relação a qualquer modo de conhecimento abstrato e especulativo, isto é, que não estaria baseado na observação direta dos comportamentos sociais a partir de uma relação humana (LAPLANTINE, 1987, p. 149).

Velho corrobora com a idéia ao dizer que,

a tradição antropológica traz, entre outras características, a valorização do trabalho de campo com o contato próximo, direto e relativamente prolongado com grupos, comunidades e segmentos sociais. Pretende-se, com isso, ir além da superfície e das aparências, procurando captar os significados da ação social e buscando perceber as visões de mundo que se associam à identidades e desempenhos (VELHO, 1975 p.45).

Assim sendo, a antropologia se realiza na etnografia. E para que haja realmente uma pesquisa de cunho antropológico, é importante que o pesquisador entenda o que é e como se produz uma etnografia.

Em Antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros - textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa [...] (GEERTZ, 1989, p. 15).

Para que se produza uma boa etnografia, é necessário que o etnógrafo tenha conhecimento e aplique da melhor, forma alguns dos pontos que podem

---

<sup>10</sup> PEIRANO em sua obra "A favor da etnografia" está de certa forma "demonstrando a tese de que a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticava quando desafia os conceitos estabelecidos pelo senso comum no confronto entre a teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação entre os nativos que estuda" (PEIRANO, 1995:43).

ser entendidos como fundamentais para esta prática, quais sejam: o estudo da totalidade, a descrição densa, o envolvimento/distanciamento e o etnocentrismo/relativização.

Para o estudo da totalidade tudo deve ser observado, anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que se pretende estudar. De um lado, o menor fenômeno deve ser aprendido na multiplicidade de suas dimensões (todo comportamento humano tem um aspecto econômico, político, psicológico, social, cultural...). De outro, só adquire significação antropológica se estiver relacionado à sociedade como um todo, na qual se inscreve e dentro da qual constitui um sistema complexo (LAPLANTINE, 1987, p. 157).

A descrição densa consiste principalmente em procurar se despir de todo e qualquer juízo de valor, tendo em mente que nem sempre isso é possível. Buscar somente descrever os pormenores do ocorrido “o relato é extremamente detalhado, exatamente com a finalidade de que seu interlocutor – o leitor – crie o seu próprio entendimento da situação exposta. A linguagem é clara e objetiva, porém, sem deixar de lado a riqueza de elementos” (CAPRARO, 2003).

[...] a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isto é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o senso doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 20).

A terceira parte que o etnógrafo deve conhecer e seguir refere-se ao envolvimento/distanciamento (GEERTZ, 1989). O pesquisador deve estar entre os dois extremos, pois o envolvimento intenso com o agrupamento social pesquisado pode fazer com que fatos, principalmente os negativos, sejam omitidos, dando uma conotação positivista aos relatos. Já o distanciamento em excesso pode dificultar o acesso a algumas informações, podendo cair em discursos pré-estabelecidos. Como exemplo de envolvimento pode-se citar um fragmento do

diário de campo (escrito em 1990) que o pesquisador Wacquant (2002) utilizou na sua obra etnográfica, em outra modalidade, o boxe:

Hoje me diverti tanto no *gym*, falando e rindo com DeeDee e Curtis, sentado na sala dos fundos e simplesmente vivendo e *respirando* ali, no meio deles, embebendo-me como uma esponja da atmosfera da sala, que senti um repentino sopro de angústia abafante diante da idéia de ter que voltar logo a Harvard [onde eu acabara de ser admitido]. Experimentei tal prazer simplesmente de *participar* que a *observação* tornou-se secundária e, francamente, estava dizendo a mim mesmo que, de bom grado, abandonaria meus estudos, minhas pesquisas e todo o resto para poder ficar aqui, boxeando, permanecer *'one of the boys'*. Sei que isso é completamente tolo e certamente irrealista, mas, nesse momento preciso, a perspectiva de voltar para Harvard, de apresentar um *paper* à ASA [congresso anual da American Sociological Association], de escrever artigos, ler livros, assistir a conferências e o *tutti frutti* universitário, acho tudo isso sem o menor sentido, deprimente, de tal forma morno (morto) em relação à alegria carnal pura e viva que me oferece o diabo desse *gym* (é preciso ver as cenas de disputa dignas de Pagnol entre DeeDee e Curtis!), que eu queria largar tudo, *drop out*, para ficar em Chicago. É verdadeiramente *crazy*. PB [Pierre Bordieu], outro dia, me dizia que ele tinha medo de que eu me 'deixasse seduzir por meu objeto', mas se ele soubesse: já estou bem para lá da sedução! (WACQUANT, 2002, p. 20).

Na citação acima foi possível observar que ao realizar a pesquisa junto aos boxeadores, Wacquant deixou-se envolver pelo objeto, chegando a enfatizar que gostaria de abandonar tudo para ficar ali, no local de pesquisa. O importante desse fato é a retirada de que, por mais que a pessoa se sinta tentada a se aproximar do seu objeto e fazer parte dele, deve haver consciência que a realização da pesquisa é primordial e, ao enfrentar o desafio de uma pesquisa empírica, que é principalmente o de observar e descrever a realidade, não colocar no papel aquilo em que se acredita previamente.

E por último, porém não menos importante, destaca-se o item que fala exatamente sobre a questão da inserção de valores prévios que é o etnocentrismo/relativização (ROCHA, 1994). Há dois conceitos interligados, mas totalmente opostos. O etnocentrismo está em o indivíduo julgar a conduta do outro através de seus próprios valores; já a relativização está no fato de tentar buscar explicações do por que dessa conduta sem julgá-la previamente.

Com esse conhecimento é realizada uma observação que

... consiste – em linhas gerais – na vivência do investigador, por um longo período, no contexto que pretende investigar; é nesta experiência que ele - um *estrangeiro* no universo cultural em que está envolvido – estará em contato com modos de vida nos quais estão presentes diferentes sistemas de significação, valores e comportamentos sociais que é preciso desvelar (STIGGER, 2002, p.08).

O próprio autor ainda completa a idéia referendando que a observação participante é necessária para a investigação antropológica.

Cabe aqui ressaltar que a pesquisa se caracteriza como uma observação participante também pelo fato da pesquisadora ser torcedora do time. Todavia, isso não impede que os dados sejam relatados com fidedignidade, pois como enfatiza Velho, o importante é que o pesquisador envolvido com o objeto faça,

... um esforço de auto definição não só no começo mas no decorrer de todo o seu trabalho, ou seja, não se trata apenas de manipular com maior ou menos habilidade técnicas de distanciamento, mas ter condições de estar permanentemente num processo de autodimensionamento paralelo e complementar ao seu trabalho com o objeto de pesquisa de que, afinal, ele faz parte (VELHO, 1972, p. 07).

Após a apresentação mais técnica dos pontos relevantes, passa-se a apresentar o caminho percorrido nesta pesquisa ressaltando que em todos os momentos buscou-se entender o que se passa dentro da Torcida Organizada Os Fanáticos sem o intuito de compará-la com outras instituições semelhantes.

O diário de campo foi construído durante o período das observações realizadas junto à Torcida Organizada durante o Campeonato Brasileiro de Futebol 2005/2006 e ainda o início do ano de 2007, sendo finalizado em março deste ano. As observações foram realizadas na Sede, no seu cotidiano, em algumas oportunidades antes e após os jogos em Curitiba, em dias de partidas realizadas fora de Curitiba e também em eventos de lazer, no Estádio e no seu entorno. Na pesquisa de campo está também inclusa uma excursão que foi acompanhada no período da pesquisa. Contidas neste diário de campo estão as observações e as abordagens feitas diretamente aos membros, na hora da observação, buscando trazer significados para situações e práticas que estavam sendo verificadas.

O grupo — a Torcida Organizada — é bastante heterogêneo. Sendo assim, indivíduos diferentes participaram dos vários momentos observados da Sede. É válido ressaltar que não nenhum grupo foi escolhido para ser observado. Durante a pesquisa, o alvo foi TOF como um todo.

Explicita-se a seguir, os outros instrumentos utilizados e como foram realizadas suas aplicações. O segundo instrumento compreende as entrevistas semi-estruturadas. Uma entrevista é considerada semi-estruturada “quando o

instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador, e, ao mesmo tempo permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa” (NEGRINI, 2004, p.74). Portanto, ela dá ao entrevistado e ao entrevistador, uma abertura para que outros assuntos sejam inseridos durante a conversa, conforme o andamento da resposta do indivíduo. Para responder a elas foram selecionados alguns indivíduos de acordo com a necessidade de contemplar os objetivos do trabalho. Foram entrevistados os membros funcionários registrados da TOF<sup>11</sup> – três no total – para que falassem sobre as funções que realizam e as remunerações que recebem. A entrevista ocorreu no próprio local de trabalho dos entrevistados, isto é, na Sede. Para isso foi selecionado também, um integrante da Diretoria do Clube Atlético Paranaense que atua diretamente com os torcedores, que expor sobre o relacionamento entre os dirigentes do Clube e a TOF. Esta entrevista ocorreu no Centro de Treinamentos Alfredo Gottardi, o CT do Atlético. Finalizando, foi entrevistado um membro da Polícia Militar do Paraná que trabalha no módulo junto ao Estádio Kyocera Arena, para relatar o relacionamento da PM com a Torcida Organizada. A entrevista ocorreu no próprio módulo. O total de entrevistados foi de cinco pessoas.

No momento das entrevistas foi realizado um breve esclarecimento sobre a pesquisa, enfatizando o anonimato do indivíduo. Para realizá-las com os membros escolhidos e também com o membro da PM, não foi utilizado nenhum agendamento prévio, o que se justifica pelo fato dos “indivíduos alvo” freqüentarem locais onde a pesquisadora se fez presente, tendo esta que escolher um momento oportuno para que as entrevistas fossem realizadas de maneira satisfatória para ambos. Já com o funcionário do Clube, foi realizado um primeiro contato telefônico combinando a data e o horário do encontro.

Como terceiro instrumento, foram utilizados os memoriais descritivos ou orais: partes das outras pesquisas já realizadas por esta acadêmica ou histórias vividas por indivíduos abordados, aqui descritas na íntegra.

---

<sup>11</sup> Todos possuem um cargo na diretoria

Negrini (2004, p.84) define o memorial como “uma descrição com muitos pormenores de uma realidade vivida”. Para este trabalho, o mais relevante que se pode ressaltar é o fato de que todo o material recolhido desse memorial não é subjetivo, mas constituído de fragmentos de outras pesquisas anteriormente realizadas, sobre tópicos que fazem parte dos objetivos levantados. Nos trechos de memorial oral, por parte dos indivíduos abordados, descreveu-se o que foi relatado.

Algumas situações inclusas nos memoriais, tanto as descritivas como as orais, como parte de histórias contadas por torcedores, são relevantes para algumas questões pontuadas durante a pesquisa e para ilustrar, com fatos reais, algumas colocações das relações da TOF.

Em alguns momentos, foram utilizados sites da Internet para a busca de informações mais atualizadas e para eventuais buscas de organizações das quais não há outro meio de contato. Todas as informações citadas foram referenciadas com o site de onde foram retiradas.

Todo o conteúdo adquirido através destes métodos serviu de base para a elaboração dos capítulos desta pesquisa, que é considerada sócio-cultural por abranger elementos da antropologia aliados aos conceitos sociológicos. Alguns autores do esporte e lazer, áreas que envolvem o objeto deste estudo, foram referenciados no decorrer do estudo, tais como Norbert Elias, João Guilherme Cantor Magnani e Luiz Henrique Toledo. Este último apresenta um trabalho etnográfico sobre torcidas organizadas de São Paulo, do qual se retirou alguns conceitos e classificações pertinentes também a este estudo.

Finalmente, ressalta-se que a pesquisa teve seu final no momento em que as ações realizadas pelos indivíduos da TOF acabavam tornando-se repetitivas e quando já havia elementos suficientes para cumprir o objetivo.

## 2 A TORCIDA E SEUS ESPAÇOS

Este capítulo traz a descrição dos *cenários* da cidade que compõe os *pedaços* pertencentes e/ou ocupados pela Torcida Organizada. Logo em seguida, passada a fase da descrição, procura-se mostrar os principais símbolos de reconhecimento da torcida e como estes símbolos são utilizados no dia-a-dia e nos rituais desenvolvidos pelo grupo. Demonstra-se também, a manifestação do grupo, enquanto torcida, no Estádio e nas ruas do entorno.

Sobre o espaço, a importância do *pedaço* vem desde o suposto surgimento do lazer contemporâneo na Revolução Industrial quando, de acordo com Magnani (1996, p.30), a disciplina, o ritmo e a intensidade do trabalho só conheciam um limite: o da exaustão física e psíquica daqueles contingentes de trabalhadores e da interrupção do trabalho que era legitimada por um calendário religioso marcando o tempo através das festas e rituais.

Se comparado com o capitalismo iniciado na Inglaterra no século XVIII, atualmente, há a diminuição da jornada de trabalho através de descanso semanal remunerado, das férias e de outros benefícios que tiveram resultados positivos, tornando o tempo livre muito importante para os trabalhadores.

Desde então, o tempo livre tomou várias formas em sua utilização, principalmente nos bairros de periferia, em que grupos de pessoas passaram a se reunir para trocar informações. Além disso, em um ciclo de entretenimento, criaram redes com todos os indivíduos se conhecendo, se respeitando e sendo leais uns com os outros. Isso acontece também nos dias de hoje. As Torcidas Organizadas não deixam de se constituir numa rede em que indivíduos, a partir da sua preferência por um clube de futebol, procuram aliar-se a outros com o intuito de não só torcer pelo time, mas também, de participar da “comunidade”. É um grupo social que faz parte de uma cultura, formando teias de sociabilidade.

Segundo Magnani (1996, p.32) esses grupos sociais ocupam geralmente uma região da cidade e um determinado *pedaço*. *Pedaço* é “quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações”. O *pedaço* não se refere somente a um espaço, e sim, ao local repleto de significados do grupo em que os indivíduos pertencentes a ele se encontra, se

concentra e onde é mais perceptível notar os indivíduos como pertencentes a um grupo.

Nesse pedaço acontecem as relações entre os membros que são unidos por algum ideal, que compartilham algo em comum, como uma ideologia ou apenas uma mesma comunidade de um bairro. “Pertencer a essa rede implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção, inclusive quando as pessoas aventuram-se para o desfrute de lazer *fora do pedaço*” (idem, p.32). Esses grupos possuem, geralmente, laços bastante fortes, o que os leva a compartilhar nessa rede, muitos de seus momentos, criando laços de sociabilidade.

*Pedaços* podem existir não somente na lógica dos bairros, mas também, no centro da cidade, pois necessariamente, não precisa ser constituído por uma comunidade em que famílias inteiras se conhecem. Muitas vezes, grupos sociais possuem um ou mais *pedaços* que remetem a ele tendo aquele pedaço como seu mesmo estando em regiões mais centrais da metrópole. Portanto, para este trabalho, pedaço apresenta um significado importante porque, ao analisar a TOF, foi possível perceber a presença desses espaços que, repleto de significados, compõem o “cenário” de atuação da Torcida Organizada.

A TOF, muitas vezes, configura seus pedaços dentro do *padrão aldeia*, forma que, segundo Magnani (1996), estabelece uma distinção entre os de dentro e os de fora. Esse padrão é o que orienta os grupos heterogêneos pertencentes à cidade. Os de dentro, são reconhecidos por pertencerem a uma cadeia de obrigações recíprocas, e os de fora, devem ser evitados ou vistos com cautelas. Isso pode ser encontrado nos diferentes grupos que se formam por algum ponto de vista comum e que, apesar de incorporarem o *padrão aldeia*, necessita de relações sociais que envolvem contatos e trocas, como será visto no decorrer do trabalho.

Essas outras relações ocorrem principalmente no que é denominado de *mancha*. Manchas são áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam — cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando — uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer os equipamentos podem ser constituídos por bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina e outros, os quais,



seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito, que é o de constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades (idem, p.40). Dessa forma, a *mancha* a ser estudada neste trabalho é o entorno do Estádio Kyocera Arena como um todo, onde acontecem as relações entre os torcedores organizados com seus semelhantes ou com outros indivíduos.

Circular pela *mancha* ou sair de um pedaço, muitas vezes requer um caminho próprio, em que a passagem por alguns pontos se torna obrigatório fazendo com que o grupo construa um *trajeto* próprio.

Esta categoria pode também ser atribuída aos indivíduos em sua busca de encontro do grupo. Muitas vezes, para chegar ao destino, o indivíduo coloca em seu *trajeto*, locais que lhe dão prazer pela possibilidade de encontrar-se com os demais.

É basicamente sobre os três conceitos — pedaço, *mancha* e *trajeto* — que se explicarão neste capítulo, buscando localizar espacialmente a Torcida Organizada Os Fanáticos.

## 2.1 OS ESPAÇOS

### 2.1.1 A Sede da Caveira

A grande maioria das Torcidas Organizadas do Brasil possui uma Sede e a Torcida Organizada Os Fanáticos não é diferente. A Sede da Associação Recreativa Torcida Organizada Os Fanáticos, localiza-se na Rua Pedro Augusto Menna Barreto Monclaro, nº 571 (Fig. nº 1), distando uma quadra e meia do Estádio Joaquim Américo Guimarães, popularmente chamado de Arena da baixada e atualmente citado nos órgãos da Imprensa como Kyocera Arena, devido ao contrato de patrocínio do Clube com a empresa japonesa do mesmo nome. A Sede da TOF apresenta algumas características. Por ser o único prédio localizado no lado direito da Rua e pela sua fachada toda vermelha e preta com a Caveira<sup>12</sup> estampada, a Sede é um local de fácil reconhecimento. Instalada nesse prédio desde 1996, a Sede própria é motivo de grande orgulho para os Associados, principalmente os mais antigos. Mas desde sua fundação, a Torcida sempre teve um local pertencente a ela. “O Clube nos cedeu uma sala pequena

---

<sup>12</sup> Símbolo da torcida

ao lado do Estádio. Depois passamos para uma sala maior até comprar o terreno e de construir nossa própria Sede” (L.J., membro antigo da TOF).

Fig. nº 1 - fachada antiga



Fonte: acervo próprio

A Sede é o ponto de encontro dos membros da torcida organizada antes e depois das partidas realizada na Kyocera Arena, pois como já enfatizara Toledo, “... o trajeto idealmente percorrido pelos torcedores comuns é: local de moradia-estádio de futebol. O trajeto freqüente daqueles que efetivamente integram uma Torcida Organizada consiste no seguinte: local de moradia – sede da torcida – estádio de futebol” (TOLEDO, 1996 p.43)<sup>13</sup>.

Dependendo da importância da partida e do resultado do jogo, a Sede chega a acolher mais de 1000 torcedores antes ou depois da partida. Também é ponto de encontro para acompanhar os jogos do Clube pela TV, realizados de Curitiba, e também para participar dos eventos de lazer (que eclodiram principalmente no ano de 2006).

O movimento na Sede em dias de partida em Curitiba é intenso e a rua tem de ser fechada causando certo tipo de transtorno para as proximidades. Segundo

---

<sup>13</sup> Esta lógica, observada por Toledo na cidade de São Paulo, acontece de forma semelhante aqui em Curitiba por parte dos membros da TOF.

vizinhos, esse não é o principal problema: “o barulho em excesso incomoda e muito. Mas o maior problema é quando começam as brigas e o vandalismo. Aqui em casa já quebraram vidros e picharam a fachada. Isso sim denigra a imagem da TOF” (depoimento de um morador da rua da TOF há três anos).

...para aqueles que estão fora do jogo, o comportamento geral dos torcedores representa potencialmente perigo, desvio, perturbação e violência. Por outro lado, para os que participam efetivamente do cortejo como torcedores, o futebol consiste num dos momentos em que a simples aglomeração de identidades e oposições – nós contra eles – adquire a forma de uma consciência particular de um Nós, que interfere na lógica de parte das relações mais cotidianas e rotineiras da cidade. Os espaços públicos são concebidos de maneiras diferenciadas, as ruas e trajetos adquirem tonalidades e cores dos times. O tempo é do jogo, e a ética e os comportamentos são os da disputa (TOLEDO, 1996 p.41).

Ainda segundo o referido morador, o envolvimento entre ele e os membros da torcida é o mínimo possível. Além de não ter interesse, ele prefere manter a sua privacidade e evitar que danos maiores aconteçam. Tanto é verdade esse ato de preservar-se que este pode ser comprovado numa conversa informal em que um membro da diretoria da TOF enfatizou que nem sabia que a casa em questão era habitada: “Nunca vi ninguém entrar nem sair dali, realmente não sabia que era uma residência”.

Já no caso de partidas realizadas fora de casa, quando a TOF não acompanha o Clube, os associados costumam se reunir na Sede que dispõe de uma TV 29 de polegadas, com TV a cabo, para que as partidas sejam acompanhadas no pequeno pátio, junto ao bar, onde quase todos consomem, em considerável quantidade, bebidas alcoólicas, principalmente cerveja e destilados.

Muitos torcedores têm certo receio em adentrar na Sede, às vezes, por não ter conhecimento do ambiente. Quem entra pela primeira vez, se sente, de certa forma, perdido. É principalmente desse cotidiano que se pode observar a Sede sob o padrão aldeia. Existem os grupos que tem certo domínio pela Sede, por fazerem parte do seu dia-a-dia e por estarem presentes em quase todo momento. Mas é raro ocorrer de esses membros impedirem algum indivíduo de adentrar o local, porém eles se atentam ao perfil<sup>14</sup> e perguntam qual a finalidade da pessoa ao entrar na Sede. Notou-se na pesquisa que a cautela e a distinção ocorrem até

---

<sup>14</sup> Roupas que está vestido, maneira com que se reporta ao membro que o recebe.

o momento dos de fora incorporarem o padrão aldeia, e que se dá principalmente pela questão de segurança.

No dia-a-dia, os membros que ali se encontram ficam realizando suas funções, deixando o pátio vazio e dando a impressão de abandono para quem entra. Da janela da Boutique, localizada no segundo andar, o membro que lá trabalha tem visão direta do pátio, acolhendo o visitante quando necessita.

Quem chega à Sede em dias de jogos (ou eventos) não é recepcionado e se mistura aos demais se habituando ao ambiente. Nessas ocasiões, placas indicativas orientam os novos visitantes<sup>15</sup>. O padrão aldeia é deixado um pouco de lado, mas não é ignorado completamente, pois os de dentro são de certa forma, responsáveis pelo funcionamento dos eventos, realizando funções para o bom andamento.

Notadamente, o parágrafo 1 do item 01 do Regimento Interno (em anexo) que diz: “Só será permitido o acesso às instalações da Sede aos Associados que apresentarem identificação própria ao responsável e que estejam em dia com a mensalidade”, acaba por não ser cumprido, pois diariamente os membros abrem exceções e, nos eventos, não existe um controle de quem entra na Sede. Para a atual diretoria a maior importância desses eventos está na interação e na união dos membros e simpatizantes da torcida.

Esses eventos referem-se a algumas festas, como a tradicional festa junina, e alguns encontros de lazer como shows musicais, principalmente de pagode e *hip-hop*.

Ao passar pela Sede durante a tarde a movimentação já era perceptível, A fachada estava “nova”, trazia as cores, nome e número de um candidato político. Dali algumas horas haveria a apresentação de uma banda de pagode local, uma banda muito conhecida na cidade. Certamente, na hora liguei a presença da banda ao nome do candidato, apoiado pela torcida. Porém não muito mais tarde um membro me garantiu que uma coisa não estava relacionada com a outra... Quando cheguei a Sede, já se passavam das 22 horas e a banda já se apresentava. Na Sede mais de 100 pessoas ocupavam o pátio principal. Os trajes eram diversos. Pessoas uniformizadas se mesclavam com mulheres de saia curta e homens de terno. Algumas crianças, inclusive bebês, mostravam que estavam presentes também famílias... Em determinado momento o vocalista da banda passou a palavra para o presidente da Associação que enfatizou que este clima família deve ser preservado, agradeceu a presença de todos e dali pra diante enfatizou o apoio político ao candidato, alegando, além de outras coisas, o amor do mesmo pelo Atlético... O candidato estava presente, mas não poderia proferir palavra, pois seria considerado “showmício” ato

---

<sup>15</sup> Indicam os principais locais como caixa, bar e sanitários.

proibido no ano corrente, de eleições para governador, presidente, senador e deputados (DIÁRIO DE CAMPO, setembro, 2006)

Eventos como esse, porém não desse porte, com bandas de menor expressão, são realizados constantemente às sextas-feiras, com o intuito de reunir os membros da torcida. Os eventos são divulgados no site da torcida e também nas comunidades de um polêmico site de relacionamentos, cuja torcida de outras localidades costumam marcar pontos de encontros para brigas com as torcidas rivais. Ao pesquisar a comunidade oficial da Torcida Organizada Os Fanáticos, criada em julho de 2004, percebe-se que inexistem tópicos sobre a violência, bem como marcação de brigas e isso está explícito nas regras (abaixo). O principal assunto são os jogos, os jogadores e os momentos de lazer.

Regras básicas: \* Desde já fica estabelecido que só serão aceitos na comunidade tópicos e mensagens referente a vida do Clube Atlético Paranaense e assuntos que venham engrandecer a Torcida Os Fanáticos. \* Não serão tolerados mensagens e tópicos inúteis, repetidos, que incitem a violência, apologias as drogas e racismo.\* Os tópicos relacionados a comunidades,músicas,vídeos e fotos já existem.\* Desde já informamos,caso uma dessas regras seja desrespeitada será sumariamente expulso da comunidade (COMUNIDADE DO SITE DE RELACIONAMENTOS ORKUT).

Já sobre o apoio ao candidato, é comum uma Torcida Organizada tomar partido de, pelo menos, um candidato nas eleições, o que seria como um “investimento”, uma maneira de conseguir apoio para eventos e principalmente para viagens. A pintura na fachada, segundo um membro, “ficou muito brega, mas deu dinheiro, valeu a pena. É provisória mesmo, depois das eleições pintamos novamente”. É válido ressaltar que, ao conversar sobre a reforma<sup>16</sup> o nome de dois candidatos foram citados como patrocinadores de parte da obra.

Retornando à apresentação da Sede, ela funciona diariamente<sup>17</sup> das 13h00min as 22h00min horas, sendo este horário alterado para as 10h:00min e 22h:00min aos sábados e domingos. Possui dois prédios localizados em um pátio, no qual são dispostas mesas e cadeiras quando há algum tipo de reunião. Nesse pátio foi instalado recentemente, um teto solar (Fig. nº 2), que possibilita sua regulagem conforme o tempo. O pátio é o centro e as construções estão ao seu redor.

---

<sup>16</sup> Que a Sede está sofrendo desde o início de 2007.

<sup>17</sup> Segundo o Regimento Interno.

Fig. nº 2 – teto solar



Fonte: acervo próprio

Na construção que fica ao lado direito de quem entra logo na primeira porta encontra-se a secretaria. Esse local possui mesas e cadeiras e um grande arquivo em que se encontram as fichas dos torcedores associados. A secretaria tem acesso restrito e diariamente um membro da diretoria fica no local. Em dias de jogos e eventos é lá que se localiza o caixa em que são compradas as fichas. Abre-se a janela e por ela as vendas são realizadas. Segundo depoimento, o controle do dinheiro é muito importante e é por isso que se adotou o sistema de fichas em dias em que o fluxo de pessoas é maior.

Ao lado da secretaria encontra-se a churrasqueira. Nos eventos de lazer e também em alguns jogos, são vendidos espetinhos e, às vezes, algum outro tipo de lanche ou bombons. Para trabalhar assando os espetinhos não é necessário ter um cargo da TOF, basta estar predisposto para tal. E essa predisposição é considerada muito importante dentro da TOF, como será relatado no capítulo seguinte. Eventualmente são realizadas também churrasquadas e a churrasqueira fica disponível para festas particulares de associados, contanto que tenha a permissão da diretoria.

Ainda na construção lateral encontram-se os vestiários: um feminino e o outro masculino. Os vestiários contêm mictórios, sanitários e também chuveiros.

Já na construção dos fundos encontra-se o almoxarifado, onde são guardados os instrumentos musicais e os materiais da torcida como faixas, bandeiras e as caveiras de isopor maciço, símbolos da torcida (Fig. nº 3). Esse local possui a parede forrada de fotos de mulheres nuas, sendo o local da Sede que mais exprime a questão da masculinidade, pois a maioria dos Associados e pertencentes à TOF é do sexo masculino. Segundo alguns membros mais antigos, aquelas fotos já estão lá há bastante tempo e as mulheres quase não entram naquele local.

Fig. nº 3 - caveira maciça



Fonte: acervo próprio

Ao lado do almoxarifado encontra-se o bar, que é um dos espaços que mais se destaca. Ao chegar próximo ao balcão percebe-se a quantidade de adereços presentes em seu interior. São diversos símbolos relacionados à Caveira, o símbolo oficial da torcida e diferentes referências a outras torcidas nacionais e internacionais. Das torcidas nacionais encontram-se faixas, bandeiras e camisas das torcidas aliadas.

Mas não é somente isto, os símbolos pertencentes no interior do bar são inúmeros e incontáveis (Fig. nº 4). Objetos como velas, garrafas e esqueletos misturam-se com miniaturas de bonecos de desenhos animados, como Bob

Esponja, o Sherek e os Monstros S.A. Luzes, principalmente na cor vermelha, e um globo multicolor dão um aspecto diferenciado ao bar à noite. Esse estabelecimento pertence à TOF e toda a renda oriunda dele é para a própria torcida organizada. Por isto, ele está em pleno funcionamento durante todos os eventos e dias de jogos. “É comum alguns associados mais antigos e que já se desligaram da TOF por algum motivo aparecerem aqui para conversar e tomar uma cerveja no bar” (MEMBRO DA DIRETORIA).

Fig. nº 4 – Interior do bar



Fonte: Acervo próprio

Em dias de jogos é comum encontrar o presidente da Associação servindo no bar ou, na sua ausência, um membro de confiança da diretoria. No caixa, outro membro da diretoria vende as fichas de papel que são trocadas pela mercadoria do bar. Cerveja, refrigerante e água são os produtos lá comercializados, mas em algumas ocasiões, como nos momentos anteriores a partida, por exemplo, outros produtos trazidos pelos associados são consumidos. É o caso do popular *tubão*, uma mistura de aguardente e refrigerante preparada geralmente na própria garrafa plástica em que se comercializa o refrigerante.

O balcão do bar é bastante comprido o que faz com que, muitas vezes, as pessoas tenham que esperar para serem atendidas, gerando certo desconforto. Por isso, segundo a diretoria, são chamadas mais uma ou duas pessoas para atender nos dias de maior fluxo. Neste caso, como o da churrasqueira, a ajuda



também parte da boa vontade dos membros. Em algumas oportunidades verificaram-se mulheres atendendo no bar. Nessas ocasiões, observou-se que a maioria dos homens a tratava normalmente, somente fazendo seus pedidos e posteriormente se retirando.

Subindo as escadas do prédio lateral encontra-se uma parede feita de divisórias de cima abaixo, com uma porta. Lá dentro está um quarto com pouca mobília. É o quarto do funcionário que mora na Sede, local em que a pesquisadora não viu necessidade de adentrar. Segundo alguns membros, este será um dos cômodos ampliados na reforma, para que se torne um alojamento para hóspedes.

Ao lado, também no segundo andar, localiza-se a Boutique da Caveira. Com roupas masculinas, femininas e infantis, a loja conta com um provador e um computador com acesso à Internet. Na maioria das vezes em que a pesquisadora esteve na loja, o estoque estava todo revirado, como se o vendedor estivesse constantemente controlando o seu estoque. As vendas acontecem geralmente em dias de jogos, mas por duas vezes foi possível presenciar torcedores se dirigindo até lá em horários diferentes ao de jogos e eventos.

Lá existem somente produtos com a marca Os Fanáticos, a maioria com os símbolos da Caveira. Contudo, segundo o próprio vendedor, a TOF ainda não tem condições de restringir as vendas somente para seus associados. “Parte da nossa renda vem disso. Nós pagamos impostos e precisamos lucrar de alguma forma. Infelizmente ainda não temos condições de vender nossos produtos só para membros associados. Então deixamos a nossa loja aberta para quem quiser adquirir qualquer tipo de roupa ou acessório” (vendedor da loja).

No prédio dos fundos, onde existe uma outra escada de acesso, está o Espaço da Academia Templo da Caveira, para a prática de dois estilos de arte marciais, o Jiu-Jitsu e o Muay Thai. Ao questionar se a academia não estaria fazendo uma apologia à violência, os dirigentes disseram que não, que é somente a oportunidade da prática de uma arte marcial. A escolha dessas artes marciais está certamente ligada à rede de significados tecida por esse tipo de organização, que prega, de certa forma, a força e que é considerada, apesar da presença das mulheres, um ambiente masculinizado. Não cabe aqui entrar em discussões de gênero e sim, olhar o perfil das atividades ofertadas pela Sede. Outro interesse da

academia parecia ser o retorno financeiro, pois ela era aberta a indivíduos associados ou não e o profissional responsável pelas aulas recebia o valor pelas horas de trabalho.

Durante a pesquisa, foi possível observar que a academia era pouco freqüentada e por isso, não se identificou os membros que participavam dos treinos em outros momentos em que a TOF estava envolvida. Essa observação é relevante, pois a academia acabou por ser extinta. Sua extinção teve como principal motivo a falta de adesão dos associados que, segundo a diretoria, não apresentavam o costume de se deslocar do bairro em que moram para ir até a lá praticar atividade física.

Abaixo da escada que dá acesso ao espaço da antiga Academia existe um viveiro de pássaros (Fig. nº 5) que, segundo um dos membros, é motivo de descrença por vários torcedores: “eles não entendem como uma Sede de uma torcida pode ter um viveiro de pássaros. Muitos não acreditam também que o projeto de reforma da Sede inclui uma capela” (membro da diretoria).

Fig. nº 5 – Viveiro de pássaros



Fonte: acervo próprio

Os pássaros pertencem ao presidente da Associação e recebem cuidados seus e do zelador da Sede. Isso demonstra que a heterogeneidade do grupo não está somente nos Associados que dele fazem parte, mas também, na diversidade

dos objetos, ambientes e até mesmo crenças que compõe o patrimônio da Associação.

No início do ano de 2007 a Sede permaneceu fechada por vários dias devido a reforma estrutural que está sendo realizada e que até o presente momento não foi finalizada. A fachada já está nova (Fig. 6) e entre os projetos estão: a ocupação do espaço da Academia para uma loja mais ampla, o espaço da boutique para um alojamento e a informatização da secretaria.

Fig. Nº 6 – Nova Fachada



Fonte: acervo próprio

Esta Sede é para os seus membros, motivo de orgulho, pois vários deles enfatizaram nas suas falas, que a Sede é deles, pertence a TOF. O patrimônio foi comprado com o dinheiro da torcida assim como um terreno na Região Metropolitana de Curitiba, que eles chamam de chácara, mas que não possui nenhuma construção, local aonde eles costumam realizar as festas de Aniversário da Torcida.

O fato de possuir Sede própria anula a dependência do Clube dando a TOF autonomia para manifestar suas satisfações e insatisfações com qualquer

diretoria que assuma o controle do CAP<sup>18</sup> além de trazer para a TOF, certo prestígio perante outras organizações do mesmo segmento.

### 2.1.2 No Estádio

A Kyocera Arena é um estádio setorizado, o que faz com que seus ingressos tenham valores diferentes para cada segmento do Estádio. As ruas da redondeza emprestam seu nome ao setor<sup>19</sup> que é impresso no ingresso que deve ser escolhido previamente pelo torcedor. Ao entrar no Estádio o torcedor pode escolher qualquer portão de entrada, porém após passar pelas catracas de acesso, deve dirigir-se ao setor indicado pelo ingresso, que será conferido por um funcionário do Clube. Em dia de jogos em Curitiba, o espaço compreendido entre os acessos E e F da Arena, denominado Buenos Aires, localizado na parte inferior do Estádio, é o pedaço ocupado pela TOF.

É válido lembrar que os ingressos dos setores pertencentes aos que estão localizados atrás do gol, têm um valor financeiro inferior aos outros. São estes ingressos que terminam primeiramente em jogos de grande expressão.

É nesse espaço, mais precisamente ao meio dele, que se localiza a bateria, composta essencialmente por instrumentos de percussão, responsáveis pelas batidas que dão o ritmo as músicas entoadas pela TOF durante todo o jogo. Em frente a ela, está um enorme caixote de madeira que o “comandante” da TOF utiliza como espaço seu. É seu dever agitar a torcida e transmitir a música que deverá ser cantada em determinados momentos da partida. Essa função é exercida por algum dos membros da diretoria, alternando entre o presidente e os diretores. O escolhido é, geralmente, um indivíduo conhecido da maioria dos associados, com uma boa entonação de voz e uma comunicação impecável com os membros da bateria. É nesse espaço que se realizam rituais como o grito da escalação do time, a mostra de sinalizadores coloridos e as coreografias de determinadas músicas.

---

<sup>18</sup> Clube Atlético Paranaense.

<sup>19</sup> Os setores são: Buenos Aires – dividido em “atrás do gol” e curvas (superior e inferior); Getúlio Vargas – dividido somente em Superior e Inferior por se localizar na lateral do campo e ainda Madre Maria, dividido como a Buenos Aires e situando-se próximo a torcida visitante.

Quando se inicia o pedido de “senta, senta” boa parte do Estádio já sabe que uma das coreografias vai iniciar. Muitas vezes o pedido é repetido várias vezes até que outros setores do Estádio também o executem. Sentando e levantando ao comando da bateria, uma música que pode ser conhecida com uma exaltação da torcida é entoada pelos torcedores que, ao se levantarem agitam seus braços no ar. Existe uma grande preocupação com o visual não só nesta, mas também em outras coreografias. Mesmo quando só os torcedores presentes naquele determinado espaço participam, que consiste em um trombar no outro com os braços flexionados e trocando de lugar rapidamente, percebe-se esta preocupação (DIÁRIO DE CAMPO, março, 2006).

Entretanto, não existe maneira formal e burocrática de controlar quem está inserido nesse espaço. Ele é fortemente delimitado pela presença da bateria, dos materiais e dos membros da TOF. Se um “torcedor comum” se inserir no local ocupado pela TOF, deve estar ciente dos rituais realizados por eles como, por exemplo, a escalação do time no início da partida. Estas saudações ritualísticas são acompanhadas por palmas e pela bateria, cujos membros incentivam e até mesmo cobram a participação de todos que ali estejam. Durante a partida inúmeras canções e infinitas coreografias são executadas (Fig. nº 7), com o intuito de intimidar os adversários e, segundo torcedores, fazer o Estádio da Arena da Baixada — o Caldeirão — um forte empecilho para que as equipes adversárias conquistem resultados satisfatórios nos jogos contra o Atlético.

Fig. nº 7 - Torcida na arquibancada



Fonte: [www.osfanaticos.com.br](http://www.osfanaticos.com.br)

Caldeirão é o apelido dado ao Estádio desde a época do antigo Joaquim Américo, devido à proximidade que os torcedores ficavam do campo. Hoje, após a reforma, a Arena da Baixada ou Kyocera Arena inaugurada em 1999, continua com as mesmas características. Isso mantém o apelido que é gritado pelos torcedores toda a vez que o time do Atlético marca um gol, como será visto a seguir.

Dependendo da quantidade de torcedores que vão ao Estádio presenciar a partida, alguns membros da torcida podem não conseguir garantir um local no pedaço<sup>20</sup> da TOF, tendo que assistir ao jogo em outro espaço do Estádio. Assim como os torcedores comuns que se inserem no espaço da TO, os associados que se afastam dele também devem respeito à maioria que domina o espaço, às vezes, tendo que se privar de alguns atos, pois nem todos os torcedores se manifestam da mesma maneira dentro do estádio. “Pessoas de pedaços diferentes, ou alguém em trânsito por um pedaço que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade estão sempre latentes, pois todo o lugar fora do pedaço é aquela parte desconhecida do mapa, portanto, do perigo” (MAGNANI, 1994 p.139). Talvez seja por esse motivo que torcedores comuns procuram não se localizar no mesmo espaço que a torcida organizada:

Logo após entrar em vigor o Estatuto do torcedor<sup>21</sup> a Torcida Organizada enfrentou problemas com a Diretoria do Clube que constatou que a presença da bateria e de alguns adereços fazia com que os torcedores assistissem a partida em pé sobre as cadeiras, descumprindo a lei que diz que os ingressos são numerados e, portanto, cada torcedor deve ocupar a cadeira que consta no ingresso, além de atrapalharem a visibilidade dos camarotes localizados no Setor. Depois de algumas semanas de entreveros, a diretoria cedeu e permitiu que a bateria voltasse à Kyocera Arena. Este retorno aconteceu de uma forma inusitada: a bateria e alguns membros da torcida ocuparam o andar superior do Setor, surpreendendo alguns torcedores, entre eles uma família inteira - composta pelo pai, mãe e um casal de filhos de cerca de 14 anos - que durante todo o primeiro tempo reclamaram do barulho, segundo eles “ensurdecador”. No intervalo de jogo eles afastaram-se do local (HANSEN, 2003, p. 26).

Já para um membro da torcida é considerado imprescindível ocupar o pedaço da TOF. É válido ressaltar que o fato de um associado não encontrar um espaço no pedaço da TOF ocorre somente se o jogo for de grande expressão e

---

<sup>20</sup> O espaço da TOF está aqui contemplado na categoria *pedaço* não pelo espaço físico, mas pelo fator de sociabilidade que ele representa para os membros da Organizada funcionando, muitas vezes, como uma extensão da Sede.

<sup>21</sup> Lei nº10.671 de 15 de maio de 2003 que dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências.

mesmo nessas partidas, os associados dão um “jeitinho”. Afinal, faz parte da rede de sociabilidade ajudar semelhantes, mesmo que isso o faça abdicar de certo conforto. Também por isso, o pedaço pertencente à TOF no estádio é sempre o mais cheio, pois os membros costumam “buscar” nas entradas do setor, membros que não possuem ingresso compatível, dando-lhe um ingresso que possibilite sua entrada junto à organizada.

É perceptível também, que mulheres e crianças se fazem presentes nestes pedaços da TOF - no Estádio e na Sede. No Estádio, as mulheres associadas mais assíduas e mais conhecidas pelos membros da bateria e da diretoria, se aglomeram dois degraus abaixo da bateria. Nesse local, elas se sentem, de uma maneira geral, protegidas pelos membros que lhes dão atenção e assistência.

## 2.2 MANIFESTAÇÕES DA TORCIDA

### 2.2.1 Cânticos e Rituais

Momentos antes de o time entrar em campo, os torcedores já estão posicionados na arquibancada. A bateria da torcida organizada é aguardada por todos e, na sua entrada, é aclamada pela massa. As palmas anunciam que vai começar os rituais da torcida. Afinal,

A participação dos torcedores organizados nos jogos não se limita apenas aos incentivos ou vaias aos times. Mais do que isso, há toda uma expressividade corporal posta à prova, que traduz um êxtase contínuo, pois, o conjunto percursivo raramente pára de tocar ao longo de um jogo, exigindo sempre dos torcedores organizados uma garra que transcende a posição de meros expectadores da partida (TOLEDO, 1996, p.60).

Então, inicia-se o que pode ser chamado de fala torcedora. Os torcedores comunicam-se através de gritos e cânticos que perpetuam entre os organizados e, muitas vezes, por todos os torcedores do Estádio. Trata-se de rimas curtas, frases pouco elaboradas, permeadas de palavras de baixo calão que podem se referir a ostentação ou a xingamentos, mas que são de suma importância na disputa futebolística, o que segundo Toledo,

Consiste no substrato privilegiado dessa linguagem jocosa, trazendo ambivalência do insulto e um certo sentido regenerador que instaura a *ordem cósmica* do jogo. Tal ordem, sugerindo um confronto, coloca em evidência os estereótipos sociais entre as classes,a

oposição e os papéis desempenhados e atribuídos aos sexos (futebol é para homem), as fissuras entre público e privado, as relações de poder... (TOLEDO 1996, p.65).

O autor propõe classificações para os cantos e gritos dos torcedores que podem ser aplicadas a este estudo, devido à semelhança dos ritmos e das letras das canções entoadas pela TOF e pelas torcidas por ele analisadas. As categorias propostas são: incentivo ao time ou aos jogadores; os de protestos (em virtude de situações variadas); os denominados de intimidadores (de adversários, juízes, jogadores) e os de auto-afirmação da própria torcida.

Da perspectiva dos cantos de agressividade pode-se encontrar diversas situações como torcedores de um time contra os torcedores do outro; torcedores contra dirigentes, polícia, árbitro ou qualquer figura que represente “autoridade”; torcedores contra jogadores do time adversário e da TOF contra o time próprio ou contra os jogadores do Clube.

Essas canções podem ser entoadas em momentos aleatórios da partida, conforme os fatos ocorrem, porém algumas delas já fazem parte de um ritual que já é do conhecimento de todos. Um exemplo é o “Uh! Caldeirão!” grito entoado várias vezes após um gol do time do Atlético. Nas primeiras repetições elevam-se os dois braços para cima, dando a impressão de que se solta algo no ar. Após três ou quatro repetições palmas acompanham a aclamação até que a bateria comece a tocar outra canção. A entonação de “Uh! Caldeirão” para comemorar os gols é uma referência ao apelido do Estádio. “Nós que acompanhamos a torcida já temos mais ou menos a noção do momento que algumas canções são cantadas como é o caso da do escanteio” (TORCEDOR presente junto ao espaço da TOF no estádio). O torcedor se refere ao momento em que o time consegue um escanteio e que, muitas vezes, é cantado repetidamente o nome do time, com todos os torcedores levantando os braços para o ar. Outros momentos que culminam em cântico de incentivo é o chute a gol, uma bola na trave ou enfim um resultado positivo do ataque do time.

A primeira manifestação de incentivo acontece quando o time entra em campo. A saudação pelos auto-falantes da Kyocera Arena é feita com o hino do Clube. Porém, a torcida utiliza-se do grito de “Furacão ê ô, Atlético ô ô” seguido da escalação do time. Nessa escalação, iniciada pelo goleiro, pode-se notar a identificação que a torcida tem com determinados jogadores. A maior identificação



pode ser devida ao fato do jogador apresentar um bom futebol ou ter contato mais restrito com a instituição e é mostrada por meio de músicas criadas com o nome do jogador. Junto com a escalação é incluído o nome do massagista “Bolinha”, personagem folclórico que acompanha o clube há muitos anos e tem esse apelido pelo excesso de peso que, às vezes, dificulta a sua locomoção pelo gramado. Por ser uma pessoa de grande carisma, Bolinha recebe sempre o carinho da torcida e o agradecimento por servir, muitas vezes, de elo entre a TOF e a comissão técnica.

Após o início do jogo, o time sofre também alguns tipos de cobrança principalmente através do popular pedido de: “Raça! Raça!”. Outra repreensão ao time por parte da torcida organizada vem da música: “Vamos correr, vamos suar, senão o bicho vai pegar”. Esse tipo de intimidação dá indícios de que “algo pode acontecer” e são destinadas também ao árbitro da partida, às torcidas rivais e até mesmo à própria torcida quando se nega a acompanhar a torcida organizada: “Agita c... aqui é o Caldeirão”.

As palavras de baixo calão são usadas com maior frequência quando a intenção é xingar ou intimidar o outro, contudo, elas podem também ser utilizadas na busca de auto-afirmação. Segundo Toledo, “nos cantos que se prestam à auto-afirmação e ao incentivo, os palavrões usados exaltam atributos masculinos de potência, virilidade... palavras como caralho, porra, fuder são comumente usadas” (TOLEDO, 1996, p.65). Entretanto, a presença de palavras como essas, não cria nenhum empecilho para que a canção seja entoada em coro por todo o Estádio, inclusive por torcedores considerados “comuns”. É corriqueiro ver mulheres e crianças proferindo palavras não existentes no seu cotidiano, o que remete à fala de Elias, ao justificar que o ambiente esportivo proporciona e permite níveis de excitação maiores do que o comum e, muitas vezes, uma perda de controle. As atividades de lazer liberam tensões provenientes do estresse diário ao mesmo tempo em que permitem manifestações intensas de sentimentos. Dentre as manifestações enfoca-se não somente os palavrões, mas expressões como os gritos e os choros que muitas vezes toma os torcedores em momentos de uma grande perda ou de uma grande vitória.

Muitas das canções e expressões já fazem parte da configuração não somente da TOF como de todo o Estádio. Por isso, em determinados momentos,

torcedores “comuns” já sabem qual canção será entoada e também, qual xingamento proferir. Alguns xingamentos proferidos aos árbitros em determinadas situações<sup>22</sup> fazem parte de uma configuração nacional do futebol, saindo do contexto de criação que envolve a torcida organizada. As músicas de incentivo, aquelas que possuem coreografias e até mesmo as espontâneas, para as situações de momento, são frutos da criatividade da torcida que, de tempos em tempos, promove concursos de músicas para que o repertório seja renovado.

Para mim, a torcida organizada tem que sentir o momento do time e saber o que fazer. Lembro-me de um jogo contra o Grêmio... fizemos uma musiquinha para o goleiro falando que a mulher dele estava com outro jogador. Numa cobrança de falta para nós ele estava tão irritado que os jogadores do time tiveram que pedir calma a ele. Não deu outra, foi gol. Comemoramos tanto porque parecia que nós estávamos lá, dentro do campo. Que fazíamos parte do time... (MEMBRO DA DIRETORIA).

Canções como a que foi inventada no momento, e algumas das novas, não são entoadas por todo o Estádio, mas a cobrança para que os pertencentes ao Espaço da TOF as cantem é grande. “Estamos divulgando nossas novas músicas para que todo o Estádio cante. Sabemos que é um processo demorado, mas os nossos membros têm obrigação de cantar” (MEMBRO DA BATERIA).

Esse “movimento fonético” é cobrado constantemente de todos os torcedores presentes no espaço da TOF, não somente por parte dos componentes da bateria ou da diretoria, mas por parte de todos os torcedores, de uma forma de que um deva cobrar do outro, para que cante, envolvendo todos em uma sociabilidade com a finalidade de incentivar o time.

Coreografias são constantes. Algumas delas como, por exemplo, as que necessitam de um contato físico mais intenso, ficam restritas ao pedaço da TOF e nem todos os torcedores participam. Nesses movimentos corporais a cobrança de participação é menor. Percebe-se que os torcedores que participam, procuram chocar-se com membros já conhecidos pelo contato ser intenso.

Outras coreografias são estendidas a todos os torcedores. Estas se referem aos movimentos de braços, palmas simultâneas e uma coreografia específica em que a torcida organizada pede a todo Estádio que se sente para que um movimento “senta/levanta” seja executado no decorrer da música: “E

---

<sup>22</sup> Como é o caso do filho da p...

somos a maior/ Do Sul do Brasil/ E quem não gostar/ Vai pra p.q.p. Fanáticos/ Atlético/Fanáticos/Atlético/ O lê lê o Atlético...”. Dentre as restritas aos torcedores presentes no espaço da TOF inclui-se a coreografia em que os torcedores, com os braços dobrados em forma de asas, movimentam-se no local trombando-se uns nos outros ao som de: “Louco, louco, louco, louco, louco, Fanáticos”.

Em algumas partidas adereços como sinalizadores, bexigas e papéis picados compõem o visual do espaço da torcida e são utilizados principalmente quando o time adentra o gramado, ou então, logo após algum gol. Em alguns casos as camisas também servem com adereços.

Foram quatro gols e o clássico estava terminando. Ao ver o torcedor adversário deixar o Estádio a torcida começou a entoar a canção de despedida “Ai, ai, ai, ai, está chegando a hora... o dia já vem raiando meu bem e eu tenho que ir embora”. Nas primeiras vezes que a canção foi entoada, sem o acompanhamento da bateria, a maioria dos torcedores segurava sua camisa pelos ombros balançando-as de uma lado pro outro. Quando a bateria passou a acompanhar a música as camisas eram giradas no ar. A canção foi entoada algumas vezes... (DIÁRIO DE CAMPO, Atlético X Paraná Clube, 2006).

As bandeiras e faixas tiveram que ser abandonadas por uma determinação da Diretoria, para que a visibilidade dos camarotes do Estádio não fosse prejudicada ao tremular das bandeiras, e também, como medida de segurança, pois os mastros das bandeiras são confeccionados de bambus e podem facilmente transformar-se em uma arma. Ultimamente tem sido permitida a entrada no Estádio, de bandeiras pequenas e sem mastro, uma faixa com o nome da torcida e as caveiras confeccionadas de isopor que retratam o símbolo da torcida e são suspensas por um associado que permanece boa parte do jogo segurando-a.

### 2.2.2 Pelas Ruas

Em dias de jogos, logo se percebe que a dinâmica de uma cidade começa a ser alterada horas antes da partida. Algumas ruas são fechadas para uso exclusivo de pedestres e, em alguns casos, o Departamento de Transportes Coletivos coloca ônibus extra e exclusivo para atender a demanda de torcedores. Há uma reorganização e uma reapropriação dos espaços pelos torcedores

envolvidos, sendo eles torcedores de apenas um time ou torcedores dos dois times que formarão uma partida, no caso de um clássico da cidade.

Em dias de clássico, essa ressignificação dos espaços atinge uma dimensão ainda maior, por se tratar de duas diferentes torcidas que são rivais entre si. Os trajetos assumem importância para que encontros inconvenientes não aconteçam durante o percurso:

Há, dessa maneira, toda uma mobilização no sentido de adequar setores da cidade ao evento. Os coletivos, trens e metrô, que diariamente transportam cidadãos com interesses variados aos lugares distintos da cidade, são tomados por tricolores, alvinegros, alviverdes, investidos e direcionados para uma ação comum, coletiva, a caminho de um jogo na busca das emoções de uma vitória ou da tragédia de uma derrota. Irrupção de solidariedades, preferências, vontades gerais de grupos que se identificam e se contrapõem, transformando o conjunto dos indivíduos em massa; mas diferenciados em nações<sup>23</sup>...o tempo é o do jogo e a ética e os comportamentos são os da disputa (TOLEDO, 1996 b., p.132).

Esses encontros são evitados principalmente pelos indivíduos solitários que possuem, em seu vestuário, alguma identificação com o clube. Já os torcedores organizados se reúnem em grupos para chegarem até o destino não se importando em, de repente, cruzar por um grupo rival. É nesse momento que os subgrupos constituídos dentro das torcidas — os comandos — têm suma importância.

Os comandos são compostos por membros que residem na mesma região da cidade e que, munidos de identificação com a torcida, através de símbolos e vestimentas, transitam para irem juntos ao estádio, para que não haja conflito ou para que o conflito seja igualado, no caso de um encontro com torcedores rivais. Nos trajetos longos até o estádio, alguns desses encontros podem ocorrer facilmente, principalmente em pontos em que inexistem uma vigilância, deixando-os suscetíveis a vandalismo público e à violência entre os grupos. Algo de suma importância para uma torcida organizada é apropriar-se de um material da torcida rival. Roubar uma bandeira ou uma camisa e depois desfazer-se delas em forma de ritual diante dos demais membros da torcida é motivo de grande satisfação para o membro que pratica tal ato. Camisas e bandeiras adquiridas do rival em um conflito são geralmente rasgadas e queimadas.

---

<sup>23</sup> O termo nação é muito utilizado pela crônica e pela imprensa esportiva para designar a totalidade de torcedores do mesmo time.

Todavia, uma situação diferente ocorreu quando um membro da torcida adquiriu, oriundo de um policial militar, uma camisa intacta da torcida rival.

Após o jogo eu estava na Sede e percebi a movimentação de dois policiais militares que entraram no recinto e após poucos minutos já abandonaram o local. Como não havia indício de nada que pudesse ter atraído os policiais para o local, fui verificar junto ao membro da torcida que estava no caixa do bar. Ao indagar a ele o que os policiais vieram fazer ali ele me respondeu que eles vieram trazer uma camisa da torcida rival — adquirida provavelmente ou em uma revista antes da entrada no Estádio<sup>24</sup> ou em algum conflito policial/torcedor — e presenteá-lo com a peça. Quando o questionei perguntando o que ele iria fazer com ela ele me disse: vou vendê-la (DIÁRIO DE CAMPO, 2005).

Essa passagem demonstra que em muitos casos, o fator financeiro pode pautar atitudes que, se pensadas dentro da coletividade do grupo, seriam de outra forma. Se o grupo tivesse conhecimento de que ali dentro havia uma camisa rival, ela dificilmente seria poupada de ser queimada ou cortada publicamente. Mas desse fato, uma questão pode ser retirada: qual foi a intenção dos policiais em deixarem ali aquela camisa? Uma hipótese é a da manutenção de um bom relacionamento com o grupo, mas nada há de concreto sobre a explicação desse fato.

Retomando a questão dos subgrupos existentes dentro da torcida — os comandos — eles podem ser especificados por nome de vilas, bairros ou zonas, subentendidos como local de moradia do indivíduo. O nome do local de origem pode, muitas vezes, ser parte do apelido do indivíduo, acrescentando-o em sua identificação dentro do grupo. Através desses comandos, aumenta-se a identidade coletiva que não está somente centrada no grupo Torcida Organizada, mas também no grupo do local de moradia. Dentro da TOF alguns comandos têm apoio da diretoria, o que na opinião de alguns associados é maléfico para a organização como um todo:

não acho legal essa parada (sic) de criar um comando dentro de uma torcida. Acho que deveria ser só uma coisa, pois tudo é por um só objetivo então pra que criar um comando dentro de outro e assim vai! Fora as brigas que acontecem entre si por causa de comandos, que quer queira ou não, sempre tem a rivalidade de meu comando ou bairro é melhor e assim acaba tirando do objetivo que era torcer por um time (ASSOCIADO DA TOF).

---

<sup>24</sup> O policiamento costuma proibir o uso de camisas das torcidas organizadas em dias de clássico, mas isto acaba se restringindo somente ao interior do estádio onde a revista é mais intensificada.

A identificação pelos comandos pode ser observada em faixas, bandeiras e também por pichações em muros em que os membros colocam seu nome ou apelido incluído da sigla do local a que pertencem e que não precisa necessariamente ser seu local de moradia.

O perceptível é que qualquer que seja esse comando e de que ponto da cidade ele esteja partindo, o trajeto sempre inclui a Sede ou suas proximidades como destino. Ir até lá significa para os torcedores "... encontrar seus iguais exercitar-se no uso de códigos comuns, apreciar símbolos escolhidos para marcar as diferenças. É bom estar lá, rola um papo legal, fica-se sabendo das coisas..." (MAGNANI, 1996, p.40). Vale ressaltar que a rua da Sede também é fechada pela Polícia Militar, em dias de jogos, para que a passagem dos carros seja limitada aos moradores do entorno.

Esta precaução é tomada também em local próximo ao acesso da torcida visitante do Estádio, fazendo com que um total de três ruas, sendo duas entendidas como vias de acesso, seja bloqueado, antes do início da partida e no momento do seu término, evitando assim, que torcedores e carros transitem pelos mesmos locais.

Existe uma apropriação também na Praça Afonso Botelho, popular Praça do Atlético, famosa pela grande quantidade de skatistas que a freqüenta. Apesar dos freqüentadores da praça não se privarem do espaço em decorrência das modificações no seu entorno, é muito comum observar uma diminuição no fluxo de transeuntes e uma maior ocupação da praça por parte dos torcedores que se acumulam nesses pontos antes do início da partida.

Em todos esses espaços é comum observar encontros entre membros que acabam por seguir juntos para o Estádio. Muitos deles adentram o espaço do Estádio somente na hora da partida, aproveitando para relacionar-se com seus conhecidos nas ruas, em que a presença de vendedores ambulantes é intensa e produtos como bebidas, alcoólicas ou não, são comercializadas com preço inferior às lojas de dentro do Estádio. Vários dos grupos que se sociabilizam pelas ruas acabam por consumir esses produtos antes de acompanhar a partida.

Muitos indivíduos e grupos de torcedores organizados costumam seguir em "carreata" com a bateria no trajeto "sede-estádio"; outros se encaminham de forma independente de qualquer colocação citada. O fato é que, assim como o

entorno do Estádio agrega grupos que atuam de forma diferenciada, a própria torcida possui sub-grupos dentro da organização. E é de forma a pautar alguns desses sub-grupos e sua função dentro da TOF que elaborou-se o capítulo seguinte, buscando também ampliar a discussão da sociabilização entre os membros.

### 3 A ORGANIZAÇÃO DA TOF

Ao pensar em toda essa organização que envolve esse grupo social, a questão pertinente é: como se dá a existência de regras? Existe um “ator” líder ou as regras são tecidas pelo próprio grupo diante os acontecimentos? Qual é o relacionamento dos pertencentes ao “pedaço” com os outros que ali permeiam?

A Associação Recreativa Torcida Organizada Os Fanáticos foi fundada em 1977, por um grupo de jovens da faixa etária que predomina até hoje entre seus membros. A maioria dos associados ativos é de jovens<sup>25</sup> do sexo masculino, porém uma grande heterogeneidade permeia a instituição. A adesão a esse grupo e a permanência nele pode se dar por diferentes motivos como, por exemplo, o pertencimento a um grupo, o apoio maior ao time nos dias de jogos e até mesmo a aproximação de pessoas.

Apesar de altamente heterogêneo, o grupo tem seus momentos de massificação, principalmente quando implica no incentivo ao time.

A fenomenologia descritiva da massa apresenta como elemento característico a uniformização, cujos indivíduos transformados em massa apresentam uma espécie de alma coletiva. Há uma padronização dos sentimentos, da expressão e dos pensamentos, havendo uma tendência para o desaparecimento das diferenças entre os indivíduos (CAVICHIOILLI, 2000, p.06).

Essa massificação padroniza o grupo no momento em que o objetivo é o de cantar e incentivar o time no estádio.

No entanto, no cotidiano desse grupo, pode-se encontrar diferentes estilos de indivíduos. Muitos deles chegam a adaptar suas atividades cotidianas, como trabalho, relacionamentos pessoais e familiares em função da torcida.

É evidente a formação de subgrupos dentro da própria torcida organizada. Alguns são nomeados e responsáveis por funções específicas dentro da Associação. Outros são formados informalmente através de redes de sociabilidades, criadas dentro do próprio grupo do qual encontra-se como componente principal, a afinidade.

---

<sup>25</sup> De acordo com o IBGE a faixa etária do jovem brasileiro contempla dos 15 aos 24 anos de idade.



Um componente comum entre a maioria dos Associados é a identificação que os indivíduos têm com a associação. Essa identificação depende, dentre outros fatores, da identidade do indivíduo e da identidade futebolística.

É a identidade do indivíduo que lhe possibilita saber de suas idéias, vontades e de ser capaz de reconhecer a si, na sua individualidade e do seu entorno como uma coletividade. Esse sentimento tem que ser sólido para que em situações de incerteza o indivíduo seja capaz de manter seus critérios, modificando seu comportamento por convicção e não por medo.

O esporte, após passar para a fase complexa de organização em que passou a ser, "... centrado num confronto entre pelo menos duas partes, exige esforços físicos de certo tipo e é disputado de acordo com regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado, regras que definem os limites autorizados de força física", tornou-se um dos principais meios de identificação coletiva e referências para multidões (ELIAS, 1992, p.232). Pode-se verificar isso claramente no futebol, esporte que atrai massas para sua apreciação enquanto esporte profissional.

A identidade futebolística, que pode ser considerada como identidade simbólica existente na cultura esportiva, é um fenômeno muito complexo, pois a escolha pelo clube pode ser oriunda de inúmeras situações. As mais comuns são: a herança familiar e a simpatia por algum clube do qual a pessoa já tenha aproximação, ou seja, conhecido sua história, seu estádio, acompanhado uma partida, criado algum vínculo, entre outros.

O misto entre essas "identidades"<sup>26</sup>, para Reis<sup>27</sup>, é conhecido como identificação simbólica, que, segundo a autora, existe na cultura esportiva e "pode ser um fator determinante nas ações potencialmente agressivas dos espectadores e torcedores de futebol. Esta identificação dos indivíduos que não tem identidade própria pode levá-los a não perceber os limites entre sua vida e a sua equipe, ou entre sua vida e a vida de um ídolo" (REIS, 2006, p.40).

Pode-se dizer que, mesmo sendo de maneira branda, a maioria dos torcedores utiliza a primeira pessoa do plural para se referir às situações que o time está passando em campo como, por exemplo, nós ganhamos ou então nós

---

<sup>26</sup> A identidade do indivíduo e a identidade futebolística.

<sup>27</sup> Heloisa Helena Baldy dos Reis realiza pesquisa com torcedores mais precisamente sobre a ótica da violência e é autora da obra Futebol e violência.

jogamos melhor, mas fomos roubados. Esse sentimento coletivo pode ser experimentado igualmente nos torcedores que têm maior identificação com a torcida organizada: nosso espaço; você está vestido com a nossa camiseta, e assim por diante.

É nítido ver, principalmente nos grupos que se fazem mais presente na Sede essa identificação, através do sentimento de pertencimento e de cuidado que eles têm com esse patrimônio. Sentimento este que, de certa forma, é passado para os demais membros através de atitudes, diálogos e configurações. Ver-se-á a seguir, como se fazem presente os subgrupos dentro da Associação.

### 3.1 DIRETORIA

Desde a sua fundação até os dias de hoje várias diretorias já fizeram parte do comando da TOF, criando em seu ambiente, várias configurações, as quais algumas delas estão sob forma de regras inseridas no Regimento interno da TOF. Nem todas as regras contidas no Regimento são seguidas à risca, como o Artigo I – exemplo já citado anteriormente.

A cúpula que faz parte da diretoria já está no seu terceiro mandato. A última eleição em que somente os Associados ativos puderam votar teve chapa única – A chapa Ação – composta pela diretoria já atuante. A diretoria possui os seguintes cargos: presidente, vice-presidente, diretor financeiro, diretor comercial, diretor de material, secretário e segundo secretário e diretor de patrimônio.

A TOF seguirá sob o comando dessa diretoria por mais três anos, quando acontecerá a próxima eleição. Segundo um membro, para a próxima já está sendo realizado um trabalho para que mais associados se interessem em montar uma chapa e assim, existir visões diversificadas no comando. A diretoria atual foi responsável por uma série de mudanças dentro da Sede como, por exemplo, a realização das reuniões mensais que são abertas ao público em geral.

Atualmente, quem se associa à TOF só recebe a carteirinha mediante a presença a uma reunião, espécie de palestra em que são pontuadas questões importantes sobre o funcionamento da Associação, bem como o que a TOF espera do indivíduo. A “doação” é um fator que conta muito para a diretoria, pois às vezes, mais do que a questão financeira,

... consideramos associado de verdade aquele que vem aqui e ajuda. Uma torcida organizada é feita disso, de união e apoio. Semana passada, fizemos um mutirão para limpar o muro (da reforma), mas sabe como é: dez trabalhando e vinte olhando. Damos muito valor a quem se dedica porque vemos uma verdadeira identificação com a família Fanáticos (MEMBRO DA DIRETORIA).

O termo família é bastante utilizado pela diretoria. Além de estarem sob o enfoque de querer uma torcida família, promovendo eventos em que os associados possam levar esposas, filhos e familiares em geral, o termo família é também usado para qualificar a TOF, principalmente em convites e convocações. É comum ler o cabeçalho “a família Torcida Organizada Os Fanáticos convida...” Essa “família” tem conflitos internos entre seus membros como o afastamento de alguns membros por problemas de conduta e também, conflitos externos que podem acabar em atos de vandalismo para com o próximo e para com bens públicos.

Os atos de vandalismo e violência não são considerados pela diretoria a maior forma de identificação com a Instituição: “para fazer parte do grupo não são necessários atos violentos e sim atos de apoio para com a TOF em suas manifestações” (MEMBRO DA DIRETORIA). Esses atos de apoio podem ser entendidos como a já enfatizada doação pelo grupo, nos eventos sociais, realizando tarefas como assar churrasco, entregar as bebidas no bar, no cotidiano da Sede e a doação também no momento do jogo cantando, apoiando e abrindo mão de certo conforto.

Isso porque, a maioria dos membros da diretoria, já não opera na lógica da provocação e do conflito: “o meu pensamento é o de apoiar o Clube. Já tive minha época de moleque em que provocar os coxas<sup>28</sup> era o máximo para mim. Já me arrisquei muito. Hoje tenho minha família, meus momentos de revolta ficaram para trás” (MEMBRO DA DIRETORIA). Esse comportamento é também repassado para os membros: “gostamos de dizer a eles que eles vieram pra assistir o jogo e que ao voltar tem que pensar que tem a família esperando em casa” (idem).

Sobre a manutenção dos membros, a atual diretoria gosta de enfatizar que prefere qualidade ao invés de quantidade. Para ela, o essencial é ter membros

---

<sup>28</sup> Torcedores do Coritiba.

participativos e que contribuam com a Associação, mesmo que não em grande quantidade.

Este ano estamos fazendo algo que vai motivar mais nossos Associados a pagarem suas mensalidades: é a camisa do sócio. Vai ser um produto diferenciado o qual deverá ser devolvido assim que o sócio se tornar inativo. Além de um incentivo é importante para que nossos associados sejam reconhecidos não somente por nós, mas também por outros torcedores (MEMBRO DA DIRETORIA).

Essa medida pode ser considerada uma forma de controle, pelo fato da diretoria conseguir reconhecer, na simbólica camisa, os seus membros. As camisetas são entregues aos sócios em dia com o pagamento da mensalidade e recolhidas assim que ele deixar de contribuir. A presença dos torcedores associados nos pedaços da TOF faz com que a diretoria acredite ser possível angariar a camiseta assim que o sócio parar de contribuir com as mensalidades.

Se um membro, por razões próprias, deixar de contribuir financeiramente com a Instituição, ele pode continuar freqüentando-a sem problema algum. No desenrolar deste capítulo comentar-se-ão alguns fatores que podem deixar um indivíduo de ser associado ativo e passe a ser somente um membro participante da TOF. Sobre a questão financeira é válido ressaltar que alguns membros da diretoria são isentos de contribuir com a mensalidade. Todavia, a presença constante desses membros na Sede, faz com que eles passem a contribuir financeiramente em fatores emergenciais, como a “vaquinha” para a gasolina de uma viagem em que eles vão de carro.

Difícilmente a TOF priva algum associado de freqüentar seus espaços, mas recentemente, existiram casos de expulsão de membros de dentro da torcida. Quando expulsos, os membros passam a não mais fazer parte da instituição e acabam por não mais aparecer nos pedaços da torcida. Isso porque, segundo alguns membros, para que um indivíduo seja expulso, há algum motivo grave e os membros, de forma geral, passam a vê-lo com certo desprezo, muitas vezes até mesmo com raiva.

No início da pesquisa a TOF possuía um membro responsável pela secretaria, que trabalhava sem remuneração. Ele estava presente na Sede todos os dias e era responsável pela secretaria e pelas excursões realizadas. Em determinado momento foi descoberto um desvio no caixa e imediatamente o

membro foi retirado da sua função. Comprovado o desvio a convocação para que ele aparecesse na Sede para quitar sua dívida foi feita direta e publicamente no site da TOF. Junto com ele, outro indivíduo era recrutado, também com a mesma questão pendente.

Este último quitou parte da dívida, mas o antigo secretário não e por isso, foi expulso da Instituição. Além de deixar a dívida em aberto o membro expulso já não estava mais trabalhando a contento por estar envolvido com bebidas e drogas: “ele se deixou levar pela coisa<sup>29</sup>. Daí as pessoas chegavam aqui ele não tinha condições de atender” (membro da diretoria). O uso de drogas foi repudiado pela diretoria até porque sua proibição está contida no Regimento Interno da Associação<sup>30</sup>.

Depois desse episódio nunca mais foi visto no entorno do Estádio. Segundo um membro da diretoria, ele compareceu no Estádio, em um jogo da Copa Libertadores de 2006, mas disfarçado (com capuz) e assistiu ao jogo no lado oposto da TOF. Segundo ele, o membro teve receio de apanhar, pois muitos associados não aceitaram o que ele fez pelo fato do presidente confiar muito nele. “Atitudes como esta (a da expulsão do membro, que na época fazia parte da diretoria) devem ser punidas para que possamos manter um bom nível no nosso quadro associativo” (MEMBRO DA DIRETORIA).

Os membros da diretoria da TOF, principalmente os que estão no papel do presidente e vice-presidente, são bastante reconhecidos pelos membros e pelos simpatizantes e cabe-lhes dar o exemplo dos atos que não querem que ocorram dentro da Instituição. São eles que ditam as configurações da Sede, pois são reconhecidos como “donos” do pedaço.

Um caso verificado *in loco* ocorreu em um dos eventos realizados na Sede. Tratava-se de uma roda de amigos e um menino de cerca de 8 anos bebia cerveja junto com os adultos. Ao questionar o presidente da Associação este disse que apesar do garoto estar com a família, iria verificar o que estava ocorrendo. Ao abordar os indivíduos enfocou que o ato de oferecer bebida para menores era crime e que ele não gostaria que isso acontecesse ali dentro. A

---

<sup>29</sup> Drogas.

<sup>30</sup> Idem 3, parágrafo 3.2.3.

questão das drogas também é polêmica na Sede, mas conversando com um dirigente ele disse:

Quer fumar fume, mas vai ali, num canto escondido. Não precisa ficar ali na frente dando bandeira. Não gosto dessas coisas porque nos rotula. Tinha uma senhora da vizinhança que atravessava a rua ao passar por aqui. Um dia, almoçando no mesmo restaurante trocamos umas idéias e convidei-a para ir visitar a Sede. Ela disse que mudou o conceito dela porque antes tinha medo da gente (MEMBRO DA DIRETORIA).

Essa configuração a qual a diretoria da TOF tenta impor aos seus membros perpassa pela significação dos espaços. A atuação e o comportamento da TOF são diferentes na Sede e no Estádio. Na Sede a diretoria pertence ao grupo líder, já no Estádio, sob a visão das autoridades e dos “donos” do espaço como um todo<sup>31</sup>, eles passam a ser subordinados, podendo agir como líderes de forma limitada dentro do espaço por eles apropriado. Elias, na sua teoria figuracional, entende que os seres humanos podem ser controladores em determinados momentos e controlados em outros. Isso não é ambíguo, mas complementar e se aplica à diretoria da TOF nos espaços citados.

Segundo os dirigentes, a diretoria não quer ter nenhum *status* nem ser identificada de forma diferenciada<sup>32</sup> tendo como seu principal papel o de manter uma configuração na TOF e passar para os membros, através de regras e condutas, o que é para eles o principal objetivo de uma torcida organizada: “apoiar incondicionalmente o time. Fazer do futebol uma festa” (MEMBRO DA DIRETORIA).

### 3.2 BATERIA

A bateria, segundo alguns associados, é o carro chefe da torcida. Para eles, sem ela é difícil mostrar o trabalho. A bateria da TOF se faz presente em todos os jogos que se realizam em Curitiba e, em algumas ocasiões, em partidas realizadas em outras cidades. A bateria só não entra no estádio quando existe algum tipo de proibição.

---

<sup>31</sup> O Clube Atlético Paranaense, no papel de sua diretoria.

<sup>32</sup> Na diretoria anterior, que já não está comandando a TOF há 6 anos, os dirigentes usavam camisetas diferenciadas com o letreiro “diretoria” estampado. A diretoria atual aboliu essa prática.

Isso já ocorreu algumas vezes dentro da própria Kyocera Arena, pela proibição também, de torcidas visitantes entrarem no Estádio com bateria. Por conta disso, a bateria da TOF já foi impedida de entrar em algumas partidas em Curitiba, quando o mando de jogo era do Coritiba ou do Paraná Clube. As opiniões sobre o caso divergem. Alguns associados acham que é melhor o rival não entrar com a bateria na Kyocera Arena para ter menos “força” em incentivar o time. Outros acham que “a TOF paga o pato, pois eles (os Clubes rivais) podem ter o mesmo direito”.

Destaca-se agora, a composição da bateria (Fig. 8). Ela é composta por instrumentos de percussão, que foram sendo adquiridos ao longo do tempo de torcida e, segundo alguns membros, devem ser preservados para serem substituídos somente em caso de desgaste. Nem todos esses instrumentos são levados em todos os jogos e nem existe uma obrigatoriedade de que os componentes da bateria estejam presentes em todos eles.

Fig. nº 8 – a bateria no estádio



Fonte: [www.furacao.com](http://www.furacao.com)

Existe mais de um componente habilitado para tocar cada instrumento. Assim, no caso de ausência, um substitui o outro. Do mesmo modo o comparecimento nos ensaios da bateria não é obrigatório. “Não gosto quando tocam errado e nem quando querem tocar no jogo e não vão ensaiar. Por isso eu quero dar o exemplo. Só falto mesmo quando existe um compromisso inadiável”. O autor dessa frase incorpora a bateria desde bastante jovem: “Desde pequeno acompanho a TOF. Sempre morei por perto e além de ir aos jogos passava em

frente à Sede quase todos os dias. A gente, toda a molecada, ficava em cima dos caras, enchendo o saco para que eles deixasse a gente tocar. No primeiro jogo que toquei eu devia ter uns 12 anos”. O fato de estar sempre próximo à torcida fez com que este indivíduo criasse uma rede de sociabilidade envolvendo principalmente os membros presentes na Sede no dia-a-dia, facilitando a aproximação do seu posto atual.

Sobre o comprometimento, vários integrantes também realizam suas funções com o mesmo empenho, o que remete à questão do fazer parte do grupo. Para muitos, mesmo morando longe, estar na Sede mesmo não tendo jogo é uma questão de sociabilidade, de encontrar-se com os iguais.

Os ensaios acontecem semanalmente nos sábados à tarde, geralmente após a reunião. Além dos integrantes da bateria e da diretoria outros associados e acompanhantes se fazem presentes na Sede. O bar e também a boutique ficam abertos durante esse período. Em algumas ocasiões, a diretoria faz um chamado para que os associados interessados em fazer parte desse grupo compareçam aos ensaios:

Para toda a galera que tem interesse em tocar algum instrumento, estaremos realizando o ensaio da bateria. Não tenha vergonha! Contamos com integrantes experientes que irão ensinar toda a galera nova, que queira aprender a tocar, assim como afinar e zelar pelo seu instrumento. Para você que sempre quis aprender, esta é a hora, não percam!!! (SITE DA TOF).

É válido ressaltar que apesar da ausência de obrigatoriedade, participar da bateria exige certo comprometimento do indivíduo para com o grupo, de modo que cada um faça a sua parte de maneira satisfatória. Um exemplo de comprometimento é o fato de não se importar em perder parte da partida. Ao tocar no estádio, o indivíduo passa a se concentrar mais no instrumento e nas canções do que na própria partida. É comum ver os pertencentes a esse grupo, de costas para o gramado. “Eu não me importo porque isto é ser torcedor organizado. Quero incentivar e faço a minha parte” (COMPONENTE DA BATERIA).

Os componentes da bateria permanecem o tempo todo em pé e geralmente só param de tocar durante o intervalo. Mas, um fator que interfere diretamente na bateria é o andamento da partida. Ultimamente, a bateria da TOF



tem seguido o lema proposto pela diretoria, que o de incentivar o time, sem parar. Mas nem sempre foi assim. Em muitas ocasiões, quando o time não jogava de maneira satisfatória ou quando o resultado era negativo, a bateria parava em certos momentos. Nas últimas partidas, mais precisamente desde o Campeonato Brasileiro de 2006, o que se pode observar é que a bateria não pára e os membros da TOF, presentes no espaço da organizada, são incentivados a não parar de cantar.

O que acontece em alguns momentos das partidas e, principalmente em caso de baixo rendimento do time, é a diminuição da participação do torcedor comum. Por isso, cabe ao comandante da bateria – o “maestro” – ter a sensibilidade de saber qual cântico puxar para que os demais torcedores acompanhem a TOF. Músicas novas, como as duas lançadas este ano, que geralmente são do conhecimento somente pela TOF, não mobilizam os “comuns” a cantar, fazendo com que as vozes se restrinjam somente ao espaço próprio.

A bateria sempre se localiza no mesmo espaço dentro do pedaço da TOF. Os integrantes, muitas vezes, entram no Estádio faltando poucos momentos para o início da partida e são saudados pelos demais, com palmas. No mesmo instante, o lugar de cada um dos membros é liberado e eles ocupam suas posições. Fazer parte da bateria faz com que o indivíduo seja mais conhecido e respeitado dentro do grande grupo, tendo assim, certos privilégios oriundos somente da relação associado-associado<sup>33</sup>, pois perante a TOF, eles são associados da mesma forma que os outros, tendo que, inclusive, bancar seus ingressos.

### 3.3 FUNCIONÁRIOS

Como já falado, dois grupos freqüentam a TOF com bastante assiduidade: a diretoria e a bateria. No entanto, alguns membros, vivem a Sede de forma ainda mais intensa. São os empregados da TOF.

Nenhum dos grupos anteriores exerce suas funções sob a forma de salário, somente três indivíduos o fazem: o zelador – diretor de patrimônio; o vendedor da

---

<sup>33</sup> Como a prestação de favores: ir buscar uma bebida no bar, por exemplo.

boutique – diretor comercial; e o responsável pelo departamento de informática – diretor de marketing.

O funcionário mais antigo é o zelador:

Ao pesquisar o espaço da Sede, me surpreendi ao saber que ao lado do estúdio, na parte superior encontrava-se um quatinho pequeno com pouca mobília. Ao indagar um associado sobre de quem seria o quarto ele me contou que um dos membros dorme na TOF. Segundo ele, “é como um protetor, por isso é reconhecido, além de zelador, como diretor de patrimônio”. No momento em que fiquei sabendo, fiquei meio confusa, Não consegui entender porque ele morava ali. Imaginei no primeiro instante que ele morasse de favor. Mas no decorrer da conversa o associado comentou que ele era uma espécie de caseiro, que tinha família e tudo, mas que aquele era seu trabalho (DIÁRIO DE CAMPO, junho, 2006).

O zelador trabalha na Sede há 12 anos e há 10 mora no local. Antes de ser funcionário, já era associado e assume que sua permanência no emprego é mantida mais pela paixão pela torcida do que pelo dinheiro: “isso aqui é minha casa, eu só saio daqui quando morrer”.

Separado e pai de dois filhos, o funcionário passou a morar na Sede quando sua mãe faleceu e o presidente lhe ofereceu o quarto. No início, passou bastante dificuldade, pois só conseguia uma ajuda de custo. Há oito anos trabalha em troca de salário, mas não possui carteira registrada.

Ao falar sobre o dia-a-dia da Sede o funcionário se reporta a alguns membros que estão sempre presentes no local e diz que o controle é mais fácil quando só eles estão presentes.

Quando é dia de clássico ou de jogo grande tem de tudo por aqui. É muita gente não tem como controlar todo mundo... Dá briga sim, mas a gente costuma falar: pisou na bola manda lá pra fora e não deixa entrar mais. Não vai brigar aqui dentro não... Mas em dia de muita gente já vi até cara quebrando banheiro. Fui reclamar ele quis achar ruim ainda. Daí, acabo ficando quieto pra não dar confusão. Quebrar o próprio patrimônio é brincadeira né? (ZELADOR E DIRETOR DE PATRIMÔNIO)

Atos assim acontecem, pois a Sede recebe mais de 1000 torcedores em algumas ocasiões. E se a heterogeneidade entre membros já é grande quando os torcedores “comuns” encontram-se no local ela se torna maior ainda.

Assim como os outros funcionários, ele enfatiza que o verdadeiro “fanaticano”<sup>34</sup> deve ser prestativo. Para ele, de nada adianta vestir a camisa e não

---

<sup>34</sup> Como são chamados os torcedores associados da TOF, numa mistura de Fanático com atleticano.

fazer o mínimo para ajudar. “Estar na torcida só pra chegar lá no bairro dele e contar? Comigo não é assim não. Mas eles acham que a obrigação é toda nossa (da diretoria). Na Festa (de aniversário), um absurdo, torcedor de fora ajudando e os que são daqui nada. Falavam que também pagavam ingresso e queriam só aproveitar. Eu falava: é a nossa festa, é a nossa festa” (ZELADOR DA TOF). Os membros mais antigos falam que nem sempre os associados novos — em tempo de TOF e também de idade — têm essa noção de responsabilidade.

Apesar de focar a ajuda entre os membros, o zelador não deixa que façam o seu trabalho e raramente aceita ajuda: “Eu estou há 12 anos aqui, já tenho as manhas se alguém for me ajudar só atrapalha”. É visível a questão de que os funcionários contratados da Sede gostam de fazer eles mesmos o seu trabalho diário. Assim acontece também com o vendedor da boutique.

Chamado por um apelido já antigo, o vendedor trabalha de forma remunerada há cinco anos, mas que desde que começou na torcida, há cerca de 10, é colaborador. Diz que já fez de tudo um pouco na Sede antes e depois de receber remuneração<sup>35</sup>.

Segundo ele, logo que entrou na torcida perguntou: “o que precisa ser feito?”. Para ele, estar numa torcida é ajudar. “Sempre gostei da torcida do Atlético. Ela tem algo de especial. Não só a organizada, mas a torcida em geral. Já entrei um pouco mais velho – 19 anos o que, para ele já não é uma idade comum - na torcida o que me fez entrar com uma certa responsabilidade e entendendo o espírito da torcida”

Como já enfatizado anteriormente, a boutique possui várias peças para vestuário feminino, masculino e infantil e também alguns acessórios unisex e para a casa. “A nossa linha é desenvolvida por nós e agora temos orgulho de ter registrado nossa marca”. A marca Fanáticos existe há tempos, mas segundo um dos membros só agora conseguiu-se o registro. Segundo ele “é um processo caro e demorado. Agora somos a única do Sul registrada. Já podemos usar aquele errezinho<sup>36</sup> nos nossos produtos” (MEMBRO DA DIRETORIA).

Esta questão da inovação foi muitas vezes enfocada na conversa com o membro que trabalha na boutique. Por várias vezes ele enfatizou que a TOF está

---

<sup>35</sup> Atualmente o empregado é registrado.

<sup>36</sup> Referindo-se ao ® de marca registrada.

sempre querendo fazer diferente, não somente no setor que ele trabalha, mas em outros também. Um assunto polêmico que foi tocado durante a conversa foi a questão da comercialização da camisa a qual foi comprovada por ele que, infelizmente, não podem restringir a venda somente para associados.

O nosso produto também é muito visado pelo preço. Sabemos que nas situações atuais, os 140 reais cobrados por uma camisa oficial do Clube são muito difíceis de serem pagos, principalmente pela parte mais humilde da sociedade, que é nossa maior fatia. Não utilizamos a logo do Atlético e nem queremos competir com eles. Agora, o Clube lançou a linha de produtos licenciados que vai resolver parte dos problemas. Porque eu não compro e não uso nada falsificado do Clube e instruo os nossos membros a fazerem o mesmo (VENDEDOR DA BOUTIQUE).

Segundo esse vendedor, logo que os produtos licenciados foram lançados ele colocou algumas coisas na loja, mas não tiveram muita saída. Ele acredita que o torcedor que vai até a Sede adquirir algum produto se identifica de alguma forma com a torcida organizada.

Essa questão dos produtos já foi bastante polêmica. Por isso, o acordo de que a TOF não poderia utilizar, o símbolo do CAP para que a rentabilidade dos produtos que tivessem a marca do Clube Atlético Paranaense fosse inteiramente da instituição clubística, cabendo à TOF lucrar com os produtos que, podendo conter as cores do Clube, pois são também as cores da Instituição, tenha a caveira estampada.

O vendedor que é também diretor comercial trabalha na Boutique e também auxilia no departamento de informática, assim como o diretor de informática o ajuda com o design de algumas peças. O diretor do departamento de informática é o terceiro funcionário assalariado, que assim como o vendedor da boutique, também possui carteira assinada.

Esse funcionário está na TOF há menos de um ano e foi contratado porque a diretoria sentiu a necessidade de ter alguém diariamente envolvido com o site da Torcida Organizada, além de poder contar com a presença do membro na secretaria, defasada desde o afastamento do antigo secretário.

“Eu já era colaborador da TOF atualizando o site, mas eles estavam precisando de alguém aqui. Como eu trabalhava numa empresa disse que só viria se eles cobrissem meu salário. Eles concordaram”, conta o membro, que depois da reforma da Sede terá uma sala própria para trabalhar.

São esses indivíduos que permeiam a Sede de forma diferenciada e não pela ótica do lazer. É pela sua presença no local que se dá o seu sustento sendo as suas funções caracterizadas como obrigatórias tendo, portanto que ser vista pela ótica da categoria trabalho. Contudo, os três empregados da TOF enfatizam em suas falas o envolvimento emocional que eles têm com a Associação, fazendo com que essas duas categorias acabem se aplicando sobre eles.

O relacionamento dos empregados da TOF é de amizade e solidariedade, pois estão sempre juntos e acabam por se transformar, os três, em uma referência diária para o espaço da Sede, fazendo parte do seu cotidiano e de momentos de pouca transição de pessoas.

### 3 4 COMANDOS

Existem ainda outros subgrupos que permeiam a TOF, porém o mais importante deles está nos comandos. Comandos são grupos de torcedores que moram na mesma região da cidade cujo principal motivo de formação é passar juntos pelo trajeto bairro-Sede.

Para a diretoria, a presença dos comandos é importante desde que tenham o aval da torcida organizada – no caso, dos dirigentes.

Os comandos são uma maneira da gente organizar dentro da própria torcida a torcida... de repente eles saem daqui a gente não tem conhecimento do que eles estão fazendo, do que eles deixam de fazer e do que eles podem fazer...por isso é importante que eles sempre tenham um bom diálogo com a gente para que possamos passar as instruções necessárias (sic) (MEMBRO DA DIRETORIA).

Os líderes dos comandos devem estar cientes dos seus deveres e obrigações diante a torcida<sup>37</sup> e, segundo a diretoria, instruir seus componentes para que eles saiam do bairro e venham para o jogo com o motivo principal de apoiar o time. “Não queremos pessoal fazendo arrastão, quebrando patrimônio público... eu acho uma burrice o cara que quebra telefone público e de repente não tem um telefone público na esquina da casa dele...” (MEMBRO DA DIRETORIA).

---

<sup>37</sup> Entre os quais inclui contribuir com a mensalidade e incentivar os membros a colaborar.

Os comandos possuem faixas que podem ser expostas de acordo com o seguinte critério: quinze ou mais associados fazendo parte do mesmo comando e estando com a mensalidade em dia dão direito à exposição do material no estádio. No momento, as faixas são proibidas na Kyocera Arena<sup>38</sup>, mas os comandos que cumprem com o critério ganham o direito de expor seu material nos estádios em que estes são permitidos.

O principal comando da TOF é a Equipe Band<sup>39</sup>. Eles fazem a linha de frente da torcida. São chamados linha de frente porque viajam sempre e nas grandes excursões são eles que ocupam o ônibus em que é transportado o material. Segundo alguns membros “são eles que dariam a vida pela torcida”. De acordo com alguns torcedores, a Equipe Band foi a todos os jogos na primeira etapa do Campeonato Brasileiro de 2006<sup>40</sup>, com exceção do jogo entre Santos X CAP, pois o Santos cumpria suspensão e o jogo foi realizado com “portões fechados” sem o comparecimento da torcida.

Os membros que fazem parte desse subgrupo organizam-se entre si tendo cada deles uma função. Assim, nas viagens menores, aquelas em que não existe divulgação de excursão, são eles que organizam tudo: transportes, segurança do material, alimentos, ingressos, contato com a escolta policial, ônibus e motorista. Geralmente em viagens em que não há divulgação sobre excursão eles vão de carro e a TOF e seus membros, ajudam com o custo do combustível.

Outro subgrupo não atuante no momento é o Pelotão Feminino. Composto somente por mulheres ele já não consegue se fixar na torcida há algum tempo. Segundo um membro da diretoria “elas até querem voltar, mas não tem liderança. Na verdade elas não fazem nada além de fofoca... ficam colocando umas contra as outras diante de nós (homens). Na festa nem adiantava pedir. Imagina pedir pra uma delas descascar batatas? E as unhas como ficam?” (MEMBRO DA DIRETORIA).

As mulheres se fazem presentes mais em eventos realizados na Sede ou no início ou no final das partidas. Existe pouca união entre elas e é perceptível a

---

<sup>38</sup> Segundo informativo da TOF as faixas serão liberadas a partir do primeiro jogo do Campeonato Brasileiro de 2007.

<sup>39</sup> A pesquisadora não sentiu necessidade de entrevistar nenhum membro pertencente ao grupo por já ter entendido o mecanismo de funcionamento do mesmo através de membros da diretoria e de observações.

<sup>40</sup> Que foi interrompido em junho devido a Copa do Mundo.

presença de vários pequenos grupos. Além dessas questões, seguindo a lógica dos comandos, para que o pelotão pudesse ser reconhecido teria que ter 15 mulheres em dia com a mensalidade. “Isto não é fácil de ser mantido. Porque se uma parar de pagar pronto. Acaba o pelotão” (MEMBRO DA DIRETORIA).

É por esses subgrupos que se observa que mesmo a diretoria vê a possibilidade de diferentes líderes dentro da torcida, devido ao seu tamanho e à sua heterogeneidade. Mas nem todos os membros estão sublocados nesses subgrupos. Outros participam da torcida de forma “independente”.

### 3.5 A INTERAÇÃO ENTRE OS MEMBROS E A FORMAÇÃO DE PEQUENOS GRUPOS

Além dos subgrupos já determinados existem os membros que não pertencem a nenhum deles, dividindo-se em grupos, na maioria das vezes, por afinidades como o tempo de torcida ou amizades em comum. A sociabilidade entre eles se dá principalmente nos pedaços da TOF.

Como já comentado anteriormente, a maioria dos membros presentes no espaço da TOF no estádio assiste a partida em pé e durante vários momentos se desvia do foco considerado principal para muitos torcedores: a partida. É comum o consumo de grande quantidade de bebidas alcoólicas por parte desses indivíduos e não menos corriqueiro o consumo de drogas.

Essas substâncias, até mesmo as ilícitas, acabam por se tornar uma das formas de sociabilidade, haja vista que, nas pesquisas desta pesquisadora, já presenciou a aproximação de membros e a formação de pequenos grupos, que tinham como principal motivo a presença da maconha. Existem os indivíduos e os grupos que discordam disso, afastando-se deles ou, até mesmo, como no caso já exposto, delatando-os para as autoridades.

Discorrendo um pouco mais sobre essas substâncias, pode-se dizer que elas podem causar mudança de comportamento, como é do conhecimento de todos, interferindo em atitudes e reações dos indivíduos. Todavia, não devem ser utilizadas como justificativa para atos de vandalismo e conflito que possam acontecer até mesmo dentro da própria TOF. Devido a grande heterogeneidade,

existem inúmeras diferenças entre os membros, incluindo a visão do mundo, que faz com que algumas discussões sejam geradas dentro da própria Associação.

Não é incomum verificar indivíduos proferindo opiniões diferentes sobre o Clube, sobre os jogadores e também, sobre os torcedores comuns, dentro dos pedaços da TOF, criando um clima de discussão e até mesmo de conflito. O popular “bate-boca” é comum entre indivíduos e grupos.

Os grupos têm pensamentos diferentes por serem constituídos por indivíduos não somente com visão de mundo diferenciada, mas também, por idade, grau de instrução e nível de envolvimento com a torcida.

Existem ainda os grupos familiares e os que se constituíram há bastante tempo. Alguns membros costumam comparecer aos pedaços da TOF acompanhados da mulher e dos filhos. Alguns deles não são mais associados e colaboradores, mas se fazem presente. Segundo um membro, o maior motivo para o abandono da TOF é a constituição de uma família, mas pode ser também por emprego, mudança da localidade da moradia ou religião.

Muitos dos antigos membros passam pela TOF em dias de jogos para encontrar com os demais. Eles já não fazem parte da configuração da torcida organizada, já não pertencem mais a ela, mas continuam simpatizando, constituindo um grupo que é lembrado, por exemplo, nas excursões.

Na preparação das excursões é notória a divisão dos grupos nos ônibus. No ônibus linha de frente no qual estão os materiais<sup>41</sup> vão os membros da Equipe Band. Os outros são divididos pelos grupos de afinidade ou ainda pelo uso de substâncias lícitas ou ilícitas. Existe o ônibus dos que gostam de fumar e beber, o dos que não param de cantar e agitar e ainda, o ônibus em que vão os membros mais antigos, chamado por membro da diretoria de “ônibus mais sossegado”. Esta pesquisadora esteve neste último ônibus participando de uma excursão.

O atual presidente da Associação também estava neste ônibus acompanhado do filho. Tinham idosos e também mulheres. Foram consumidas bebidas alcoólicas, mas era proibido fumar dentro do ônibus. O presidente dizia não querer mais ir em ônibus de “desordeiros” querendo viajar sossegado com seu filho. A sociabilidade dentro do ônibus se dava de forma que os membros mais antigos contavam histórias e o assunto era pautado na TOF e no CAP. Na volta a grande maioria dormia (DIÁRIO DE CAMPO).

---

<sup>41</sup> Bateria, faixas, bandeiras, sinalizadores e outros.



A separação de ônibus por afinidade faz com que os torcedores viagem acompanhados por seus companheiros, seus amigos ou semelhantes, facilitando de certa forma a interação. As instruções do componente da diretoria<sup>42</sup> referem-se principalmente à segurança. Pedidos freqüentes para que não se atire nada para fora da janela e para que sigam as possíveis ordens dos policiais responsáveis pela escolta são os mais comuns.

No caso das excursões, novamente as configurações são dadas pela própria diretoria, visto que quem organiza toda a viagem é a TOF, independente da relação com o CAP. As excursões são realizadas para que a TOF acompanhe o CAP em partidas fora de Curitiba e, nessas ocasiões, outras relações são pautadas não somente pela interação entre associados e torcedores do mesmo time. É sobre essas relações que o próximo capítulo será iniciado, pautando pela sociabilidade da TOF com outras torcidas organizadas.

---

<sup>42</sup> O organizador procura colocar pelo menos um em cada ônibus

#### 4 CONFLITO E SOCIABILIDADE

O grupo observado está inserido no contexto do futebol como esporte-espetáculo participando da sua apreciação de forma ativa. Sabe-se que o esporte espetáculo esta inserido em um longo processo que a sociedade viveu frente à esportivização e que, nesse processo, estão presentes, por exemplo, a inserção de regras dentro do campo da partida, a figura do árbitro e a diminuição da antes permitida e incentivada violência entre os jogadores, dos indivíduos que faziam parte da disputa.

Para extravasar esse instinto de agressividade e violência, acredita-se que as pessoas passaram a planejar estratégias mais racionais. Com a civilização dos esportes, muitas atividades foram banidas e passaram a sofrer controle através de regras escritas e formalmente instituídas, com um árbitro exercendo essa tarefa. A civilização dos esportes acompanhou um processo mais geral e contínuo, que levou a uma maior organização e maior número de torneios, aumentando a competitividade. Conseqüentemente, os jogadores começaram a jogar mais duro, embora ainda dentro das regras – fazendo uso da violência racional. Esta utilização tática da violência, decorrente da pressão competitiva, pode levar o atleta a perder o autocontrole e agredir adversários como retaliação – o que demonstra que uma forma de violência pode se transformar rapidamente em outra (DUNNING, 1992, p.330).

Dunning (1992) relata que muitos autores acreditavam que os níveis de violência entre os homens continuariam sempre os mesmos. O que teria mudado seria a sua forma de manifestação: com a diminuição de oportunidades de expressá-la através de “rituais sociais”<sup>43</sup>, a violência teria se tornado menos ordenada. Assim, esses autores procuraram negar, ao menos em parte, a teoria de Norbert Elias sobre o processo civilizador pelo qual passou e ainda passa a humanidade. Dunning refuta tal idéia e desafia um avanço, tentando ultrapassar os limites da teoria de Elias, a fim de contemplar tais aspectos. Para iniciar sua proposta, ele classifica os diferentes tipos de violência, declarando que na verdade o que se presencia é um desequilíbrio entre os diferentes tipos, devido às transformações no controle social e nas relações produzidas socialmente.

A distinção entre os tipos de violência proposta por Dunning obedece a critérios de meios de expressão utilizados, motivação e nível de intencionalidade e parâmetros sociais. Com base nesses critérios o autor descreveu oito tipos possíveis, designando-os em termos de polaridades.

---

<sup>43</sup> Como a luta de galos, a queima de gatos vivos em cestos e assistência a execuções públicas.

- a) Se a violência é real ou simbólica, isto é, se apresenta a forma de uma agressão física direta ou envolve simplesmente atitudes verbais e/ou atitudes não verbais.
- b) Se a violência apresenta a forma de um 'jogo' ou 'simulação' ou se ela é 'séria' ou 'real'. Esta dimensão pode também ser apreendida através da distinção entre violência 'ritual' ou 'não ritual'...
- c) Se uma arma ou armas são utilizadas ou não.
- d) No caso de as armas serem utilizadas, se os atacantes chegam a estabelecer contato direto.
- e) Se a violência é intencional ou a consequência accidental de uma seqüência de ações que, no início, não tinha a intenção de ser violenta.
- f) Se considerar a violência iniciada sem provocação ou como sendo uma resposta, sem retaliação a um ato intencionalmente violento, ou sem intenção de o ser.
- g) Se a violência é legítima no sentido de estar de acordo com as regras, normas e valores socialmente prescritos ou se não é normativa ou ilegítima no sentido de envolver uma infração dos padrões sociais aceitos.
- h) Se a violência toma uma forma 'racional' ou 'afetiva', isto é, se é escolhida de modo racional como um meio de assegurar a realização de um objetivo dado, ou subordinada a 'um fim em si mesmo' emocionalmente satisfatório e agradável. Outra forma de conceitualizar esta diferença seria distinguir entre a violência nas suas formas 'instrumentais' e 'expressivas' (DUNNING, 1992, p.330).

Devido à competitividade, os esportes despertam e conduzem a algum grau de agressão ou violência. Mas em alguns, a violência torna-se o componente central, como no caso do boxe e mesmo do futebol, que pode ser encarado como a representação de uma luta, uma "guerra" simulada. Visto desse modo, ofereceria uma oportunidade de expressão da violência física de uma maneira aceita pela sociedade e de forma ritualizada.

Enquanto permanece como um "ritual", é possível manter o equilíbrio entre "rivalidade amigável" e "rivalidade hostil", mas aspectos como as pressões sociais, benefícios financeiros e busca de honra e prestígio entram em jogo, e o equilíbrio é quebrado. Quando a balança pende para a "rivalidade hostil", o objetivo de causar dano físico poderia realmente aflorar, motivado pelos fatores extrínsecos citados anteriormente. Este desequilíbrio entre os tipos de violência e as espécies de rivalidade se dão de forma bastante enfáticas em grupos como as Torcidas Organizadas.

Participar de um grupo como esse é tecer uma teia de sociabilidade entre os membros do próprio grupo e entre grupos semelhantes. É claro que, assim como no futebol, existem rivalidades entre torcidas, principalmente aquelas em que os clubes são rivais dentro do campo, prevalecendo a rivalidade hostil. Por outro lado, existem também organizações que se aproximam por ideologia ou simpatia, podendo tornar-se aliadas, prevalecendo assim, a rivalidade amigável. É

sobre esta sociabilidade, que pode ser pacífica ou não, que tratará o início deste capítulo.

Além dos outros grupos do mesmo segmento — as outras torcidas organizadas — a TOF se relaciona também, com outros grupos importantes na configuração do futebol como esporte-espetáculo. Na continuidade ao capítulo, mostrar-se-á a relação da torcida organizada aqui estudada, com um segmento da segurança pública — a polícia militar — e com a diretoria do Clube Atlético Paranaense.

#### 4.1 RELACIONAMENTO ENTRE AS TORCIDAS

##### 4.1.1 Inimizade

Ter uma torcida organizada é algo comum nos clubes de futebol do Brasil. Curitiba possui três clubes profissionais desse gênero, sendo que dois deles estão na elite do futebol brasileiro, participando da primeira divisão do Campeonato Brasileiro – o maior do país.

O Atlético Paranaense é um deles. Porém, o maior rival do CAP, o Curitiba Foot Ball Club, disputa desde o ano de 2006, a segunda divisão do Campeonato Brasileiro, não se confrontando com seu maior rival no âmbito nacional. Já no âmbito estadual, no ano de 2006, os dois não protagonizaram nenhuma partida com seus times principais<sup>44</sup>. Já no ano de 2007, uma partida foi realizada na Kyocera Arena<sup>45</sup>. Foi perceptível que a rivalidade dos dois times continua para as torcidas organizadas: Os Fanáticos e a Império Alviverde.

As duas torcidas, cuja fundação data do mesmo ano, são as maiores dos respectivos Clubes e as mais conhecidas quando se fala em Torcida Organizada da cidade de Curitiba. Além dessas duas existe ainda a Fúria Independente a Torcida Organizada do Paraná Clube que, “apesar de menos expressiva”, segundo os próprios associados da TOF, também aparece como referência no âmbito municipal.

---

<sup>44</sup> Um Atletiba, nome dado ao clássico Atlético x Curitiba, foi realizado pela denominada Copa de 100 Anos da Federação Paranaense de Futebol, válido como primeira fase do campeonato Paranaense 2007. Porém, as duas equipes jogaram com o time B, sendo que a partida não teve mais de 1000 expectadores.

<sup>45</sup> Com o resultado de 2x2.

A rivalidade entre as torcidas começa com a frase, utilizada por ambas, que diz: a maior do Paraná ou até mesmo, regionalmente, a maior do Sul do Brasil. Quando se fala em maior não quer dizer em quantidade de membros, mas em maior como um todo no quesito de vibração e reconhecimento. Como enfatiza Toledo, “uma torcida Organizada de prestígio é aquela que é notada pelos outros, isto é, ou xingada, odiada e vaiada, ou ovacionada e aplaudida pelos pares. Para os torcedores organizados não conta o anonimato. A postura perante o adversário deve exprimir beleza, coreografia, bravura, respeito e aversão” (1996, p.77).

Disputas através de materiais simbólicos, frases, palavras e manifestações reais ou virtuais (pela Internet) são comuns entre as torcidas rivais. E com esse distanciamento entre as torcidas, que não se encontra no cenário do futebol, a rivalidade fica mais evidente na Internet. Apesar de a maioria das notícias mostrar o que a torcida tem feito para apoiar o Clube, o site da Torcida Organizada Os Fanáticos tem espaço também para falar da torcida rival quando ela comete algum ato considerado de vandalismo para as organizadas:

Neste final de semana tivemos mais uma demonstração das atitudes covardes de uma torcida que se intitula de organizada. COVARDE! Esta seria a melhor palavra... Agredir repórteres é o fim da picada... Já está na hora desta “facção” rever seus objetivos, pois já que nunca viajam (há não ser em cidades onde seus aliados fazem a escolta), não há necessidade de existirem apenas para se envolver em fatos bizarros e posarem armados em fotos. Com membros sem escrúpulos e muito covardes, atacam pais de família que estão trabalhando mas não tem moral para por a cara fora de Curitiba e fora das “asas” de seus aliados. Mais uma vez a torcida mais medíocre do Brasil se destaca de maneira negativa. Bater em repórter é fácil, vamos ver se vão viajar pra campinas agora... (SITE OS FANÁTICOS, abril de 2006).

A nota em questão, intitulada Torcida Medíocre e Covarde, relata o acontecido no jogo entre o Coritiba e o Guarani pela segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol. Jogo este que a TOF e tampouco o Clube Atlético Paranaense tiveram envolvimento. Porém, o fato da notícia repercutir na imprensa fez com que a TOF se aproveitasse da situação para denegrir a imagem dos torcedores organizados e, de certa forma, dizer: nós não fazemos isso.

Em contrapartida, o site oficial da Torcida Organizada Império Alviverde ostenta sua festa de aniversário na página inicial do site fazendo uma provocação: “para a inveja da porcarada” (SITE T.O. IMPÉRIO ALVIVERDE). Com um tom um pouco menos agressivo, a página limita-se a mostrar fotos e

descrições da festa que aconteceu em uma casa noturna reservada exclusivamente para o evento.

O fato dos dois Clubes não estar participando da mesma competição e de nem terem se enfrentado em competições anteriores, mostra como essa rivalidade, que foi historicamente construída, persiste e, na palavra de um torcedor, perdurará: “a rivalidade TOF x Império não vai terminar jamais porque a Império está ligada ao maior rival do Atlético. Porque a Império não é torcida. Não tem Sede<sup>46</sup>, não tem nome fora de Curitiba e vivem de aliadas. A única coisa que presta é a bateria” (MEMBRO DA TOF).

Existe uma depreciação mútua entre as torcidas e pelos fatos por elas realizados. É claro que torcidas de clubes rivais não teriam como elogiar uma à outra. Contudo, o que deve ser ressaltado é a realização de um trabalho pelo Ministério Público e pelos policiais militares junto à diretoria de ambas as torcidas, para que algumas atitudes sejam controladas junto aos associados. Mas é inegável que a realização de um clássico (Atlético x Curitiba) seja motivo de grande preocupação para todos os envolvidos na organização da partida.

Ao conversar com associados mais antigos da organização percebe-se a quantidade de histórias de conflitos envolvendo torcedores do Atlético e do Curitiba, ou mais propriamente da Império e dos Fanáticos. “Antigamente não adiantava ter PM, cavalo, cachorro, nada. Ninguém tava nem aí partia pra cima mesmo. Se o time perdia então, a torcida se revoltava ainda mais...” (MEMBRO DA TOF). Esses conflitos aconteciam no entorno do estádio cuja partida foi realizada, próximo à Sede da torcida, e também, nos terminais de ônibus em que a presença do policiamento era reduzida e atos de violência e vandalismo podiam ser realizados sem que existisse uma punição rigorosa. Hoje, esses conflitos ainda ocorrem, porém com menos intensidade e menor frequência. “As torcidas já sabem o que esperamos que não aconteça e quais as punições que serão aplicadas. Os dirigentes tentam incutir na cabeça dos associados à negação da violência, mas não somente eles como nós também sabemos que alguns indivíduos se incluem nas torcidas somente para realizar atos de vandalismo...” (POLICIAL MILITAR em entrevista concedida em maio de 2006).

---

<sup>46</sup> Segundo ele, a Sede da torcida, localizada junto ao estádio, é emprestada pelo Curitiba Futebol Club o que os deixa menos organizados e menos respeitado por não terem autonomia e “dever” ao Clube.

De acordo com as palavras do policial, pode-se destacar o que é chamado de fenômeno de massa, que ressalta a realização de atos de um indivíduo, que não os realizaria se estivesse sozinho. A massa ajuda a manter o possível anonimato. Sendo assim, ele não se sente exposto e, muitas vezes, acaba não sendo punido pelo ato cometido. Este fato pode ser explicado pela diminuição do controle social sobre os atos individuais por parte da sociedade e das autoridades, quando as ações são realizadas em massa.

Muitos conflitos entre facções transcendem o âmbito futebolístico. Às vezes, algum associado tem um problema particular com outro e o fato dos dois serem “rivais” culmina por trazer esse problema para dentro da organizada. Outras vezes, a vida pessoal do associado, o bairro onde mora e seus contatos externos à torcida trazem algum problema para dentro da facção principalmente quando o membro é conhecido dentro da mesma. Isso pode dever-se ao fato de que encontrá-lo naquele pedaço pode ser comum.

Em uma noite de sexta-feira um membro da diretoria da TOF foi atingido por um projétil em seu local de trabalho. A história contada por um associado é que a bala tinha destino certo. Quatro indivíduos rivais passaram em frente a Sede, e como não existia movimentação alguma e não encontrando quem procuravam foram ao encontro do membro da diretoria que eles sabiam aonde se encontrava. Antes de partir dispararam alguns tiros em direção ao prédio da Sede. O tiro no dirigente da TOF pegou de raspão e ele, que nada tinha a ver com a rixa particular dos dois indivíduos “pagou pelo outro só por ser reconhecido dentro da torcida. Eles vieram pra fazer o serviço, como não conseguiram não quiseram perder a viagem” (membro da TOF). Na madrugada seguinte a parede da Sede da torcida rival apareceu com marcas de tiros (DIÁRIO DE CAMPO, 2006).

Analisando esse fato, pode-se dizer que o torcedor organizado, principalmente o que ocupa algum cargo dentro da torcida organizada, deixa de ser anônimo, passando a ser reconhecido e se tornando uma pessoa pública. No dizer de Toledo (1996b, p. 136), eles estão “investidos na motivação maior de pertencerem a grupos diferenciados, as torcidas organizadas, agrupamentos que fazem a mediação entre o anonimato da condição de indivíduo-torcedor e a indiferenciação de pertencer à massa torcedora...”. Essa busca pela diferenciação pode ser saudável se restrita ao interior da associação, porém pode culminar em fatos como esse, quando o indivíduo passa a ser reconhecido e identificado como membro da torcida, por uma facção rival.

Esses conflitos não são restritos somente às torcidas regionais. Existem algumas torcidas, em âmbito nacional, que já são rotuladas como rivais, inimigas. Neste caso, as torcidas são rivais pelo fato de já terem se envolvido em algum conflito anteriormente. Conflitos que acontecem quando a TOF vai para outra cidade e é mal recebida é o principal motivo para que uma organizada fique marcada diante da associação. Outro motivo muito forte, porém menos comum, é agressão a jogadores. No ano de 1996, a torcida do Fluminense atacou com pedradas o goleiro Ricardo Pinto, que na ocasião defendia o CAP. A torcida ficou “marcada” e hoje em dia dificilmente aparece em Curitiba. A TOF também evita assistir jogos no Estádio das Laranjeiras que pertence ao Fluminense e onde tudo aconteceu.

Outro fator que torna uma torcida inimiga da outra pode ser relatado com o seguinte exemplo: a torcida do Rio de Janeiro, a Jovem do Botafogo, é considerada por muitos membros uma torcida violenta. A Jovem se envolveu em dois casos de morte no ano de 2005, sendo que uma das vítimas foi o presidente da Leões da TUF – Torcida Organizada do Fortaleza Futebol Clube, que é aliada da TOF: “além da torcida ser nossa aliada o presidente era muito nosso amigo o que faz com que agora odiemos essa torcida”, conta o informante que, no dia da tragédia, utilizava a Internet com o *nick name* de luto.

Uma outra torcida que tem um nível de antipatia pela TOF é a Independente do São Paulo Futebol Clube. A rixa com a torcida é um exemplo visível de um conflito que iniciou recentemente, devido a acontecimentos relacionados aos clubes de futebol.

Em 2005 os dois times disputavam a Copa Libertadores da América ambos chegando a final do campeonato. As duas partidas da final seriam: a primeira e São Paulo e a segunda em Curitiba. Porém, para abrigar a partida a Comenbol, organizadora da competição, exigia que os Estádios comportassem mais de 45 mil pessoas. Exigência que a Kyocera Arena não tem condições de cumprir. Ao saber deste pré-requisito o Clube Atlético Paranaense montou arquibancadas tubulares cumprindo o número de lugares exigidos. A vitória, realizada pelo Corpo de Bombeiros de Curitiba, liberou a utilização das arquibancadas, todavia, mesmo depois deste investimento para que a partida fosse realizada junto a sua torcida, o Clube não conseguiu a liberação oriunda da organização da Competição. A partida foi realizada no Beira Rio, estádio do Internacional em Porto Alegre-RS e o Altético empatou com o São Paulo por um gol, perdendo a partida realizada no Morumbi, estádio do São Paulo Futebol Clube pelo placar de 4 a 0. A torcida acreditava que se o jogo tivesse sido realizado em Curitiba o resultado poderia ter sido diferente e relacionou este fato ao Clube e conseqüentemente à torcida que quando vem apreciar uma partida do São Paulo na Kyocera Arena é aclamada pelo bordão: “São Paulo, c..., fugiu do Caldeirão” (DIÁRIO DE CAMPO, 2005).



Esse fato e também o aumento da frequência no confronto entre os dois times — foram quatro vezes em 2005 — fez com que a rivalidade aumentasse, levando os torcedores curitibanos, boa parte da crônica esportiva paranaense e os indivíduos envolvidos com a segurança, já o vissem como clássico. Essa rivalidade aparenta similaridade com o São Paulo Futebol Clube, pois num renomado jornal de esportes paulista, porém de circulação nacional, um colunista enfatizou que o Clube, que possuía largas vantagens de pontuação no Campeonato Brasileiro<sup>47</sup> de 2006, atingiria uma pontuação incapaz de ser alcançada pelo segundo colocado no jogo contra o Atlético Paranaense. Em suas palavras: O São Paulo será campeão encima do “ventinho do sul” – ironizando o apelido do Atlético que é de Furacão<sup>48</sup>.

Além destes fatos, outros casos de atrito são mais de momento, dependem do resultado da partida ou de oportunidades. Por isso, a PM cerca a saída dos torcedores visitantes principalmente quando vários ônibus vêm de fora.

Um caso acontecido recentemente, foi uma pedrada dada em um dos dirigentes da Torcida Jovem do Santos. Segundo associados que presenciaram o ocorrido, o dirigente da torcida adentrava o ônibus para deixar o estádio após o empate de 3 a 3 entre o CAP e o Santos Futebol Clube, quando foi atingido por uma pedra. Imediatamente os torcedores saíram de dentro do ônibus e foram diretamente para a Sede da torcida. Entretanto, o conflito foi logo contido pelo bom relacionamento entre os dirigentes das torcidas. Segundo um dos integrantes da bateria da TOF o relacionamento com a Torcida Jovem sempre foi bom, fato que pode ser comprovado *in loco* ao observar diversos associados conversando com os visitantes na entrada do estádio mesmos antes do início do jogo. “Não existe aliança mais somos tratados com respeito e assim os tratamos” (ASSOCIADO PERTENCENTE À BATERIA DA TOF).

Depois do episódio, o Santos esteve em Curitiba mais uma vez e os dirigentes da TOF promoveram um encontro entre o dirigente da Jovem, atingido

---

<sup>47</sup> Pelo quarto ano consecutivo o Campeonato Brasileiro é realizado no sistema de pontos corridos em que as vitórias valem 3 pontos e os empates 1 ponto. O time que somar maior pontuação no final da Competição é considerado campeão. Por vezes o Campeão pode ser conhecido antecipadamente, pois um time atinge uma pontuação que não pode ser atingida pelo segundo colocado. Foi o caso do Cruzeiro no ano de 2003 que já tinha sua primeira colocação assegurada rodadas antes do término do campeonato.

<sup>48</sup> O fato realmente aconteceu em um jogo em que os times empataram por um gol e o São Paulo sagrou-se campeão.

pela pedra e o membro que a atirou, para os devidos esclarecimentos. Notadamente observa-se a preocupação em manter o bom relacionamento entre as torcidas.

Ainda comprovando o fato do respeito entre as duas torcidas cita-se agora, fragmentos do diário de campo na viagem que esta pesquisadora acompanhou a TOF até Santos, para um jogo da Copa Libertadores da América que resultou numa derrota de 2 a 0 dentro do estádio conhecido como Vila Belmiro. O Santos fora eliminado pelo CAP:

Ao chegar à Baixada Santista, mais precisamente em Itanhaém, cidade bem próxima a Santos, a polícia nos esperava para dar escolta. Eram dez ônibus, todos lotados. Neles diferentes torcedores, crianças de 10 anos, mulheres e idosos de mais de 65 anos... Tanto na chegada como na saída (uma hora depois do término da partida) fomos orientados a não abrir vidros e cortinas. Na saída do Estádio nem sinal de nenhum rival. Na saída da cidade tranquilidade. O saldo foi positivo. Ausência total de conflitos corporais... (ATLÉTICO X SANTOS, VILA BELMIRO, COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA).

Ao analisar esse fato, é perceptível que as autoridades tiveram grande contribuição para que tudo estivesse sob controle. Mas, apesar da derrota e da eliminação da casa, os torcedores santistas não tiveram intenção de “descontar” a frustração da partida no torcedor rival.

Um pouco menos intenso, mas que não deixa de ser uma rivalidade, e a que existe entre a TOF e a outra Torcida do Clube Atlético Paranaense, a Ultras do Atlético. Esta torcida que possui uma quantidade menor de membros, já chegou e ser extinta depois que um dos seus membros levou uma facada de um membro da TOF, dentro do próprio estádio. Hoje, a Ultras é vista pela TOF com indiferença. Ambas não possuem relacionamento hostil e nem tampouco de amizade.

#### 4.1.2 Amizade e Alianças

O contrário da relação de rivalidade e inimizade também existe entre as torcidas organizadas brasileiras. É a chamada aliança entre duas organizadas.

Essa união entre duas torcidas chamadas de aliadas é iniciada por diferentes motivos, alguns incertos. Um deles, que a pesquisadora tem conhecimento, é o da troca de favores. Quando uma torcida presta algum tipo de

favor para a outra que está na sua cidade cria-se uma simpatia que pode culminar em aliança, que se fortalece na medida em que as torcidas se encontram. Um bom exemplo para esse fato é a Gang da Ilha que, segundo um associado “estava até fora do “rol” das aliadas e agora no jogo Santa Cruz e CAP recepcionou dois dos nossos integrantes que foram para Recife”. A torcida, que é do Sport Clube Recife<sup>49</sup> foi assim homenageada na abertura do site da TOF: “A torcida Os Fanáticos agradece a torcida Gang da Ilha pela hospitalidade e pela recepção que fizeram aos nossos integrantes”.

A partir do momento em que se tornam aliadas as torcidas passam a recepcionar os membros umas das outras quando visitam a cidade em ocasião de jogos entre os próprios times ou entre o visitante e um rival regional. Nos primeiros contatos entre os membros da diretoria, materiais como faixas e bandeiras são trocados, para que cada uma das torcidas coloque a faixa da outra em seu estádio, sem que a aliada tenha alguma relação com o jogo. A TOF tem atualmente, nove torcidas aliadas, sendo uma do Estado do Paraná e as outras de diferentes regiões do Brasil.

A maior torcida, em estrutura, aliada da TOF é a Máfia Azul Cru-fiel Floresta (CMA) do Esporte Clube Cruzeiro de Minas Gerais. O bom relacionamento entre elas se dá desde 1994 e iniciou quando, na ocasião, o então presidente da TOF iria fazer uma viagem para Belo Horizonte e entrou em contato com a Galoucura do Clube Atlético Mineiro, para pedir receptividade. Ao chegar a Minas Gerais o presidente da TOF ligou para a casa do presidente da Galoucura que negou atendimento. Com raiva, o presidente da TOF foi até a Sede da Máfia Azul, rival da Galoucura e contou a história. Percebe-se que, provavelmente, a atitude do membro da Máfia Azul de acolher o presidente da TOF deu-se em oposição à atitude do rival e desde então, surgiu a amizade Fanáticos/Máfia Azul.

Até hoje estas torcidas se relacionam com respeito e hospitalidade. Durante a pesquisa em 2003, foi possível perceber claramente essas relações, em uma caravana de dez ônibus da CMA que veio acompanhar a boa fase do

---

<sup>49</sup> Santa Cruz e Sport são times rivais da cidade de Recife. Em 2006, o Santa Cruz disputou a primeira divisão e o Sport a segunda divisão do campeonato brasileiro, situação que se inverteu no ano de 2007.

time<sup>50</sup> em um jogo na Arena da Baixada. No último encontro dos dois em Curitiba não foi muito diferente:

Eram dez horas da manhã de sábado e os primeiros ônibus começaram a surgir próximo à Sede. Muito antes dos ônibus encostarem já se ouvia os cânticos entoados pelos torcedores. A porta da Sede já estava aberta assim como o bar e a churrasqueira para a venda de espetinhos. Ao chegar os torcedores já foram logo consumindo bebidas e conversando com os associados da TOF que se faziam presente naquele momento... O jogo teria início às 16 h e desde às 14 h a movimentação do associado da TOF já era grande e logo a CMA começou a agitar a Sede com suas batucadas...As trocas entre os torcedores eram tantas que já não se sabia mais quem era quem. Associados atleticanos conhecidos vestidos de CMA e os visitantes vestidos de TOF... A festa continuou até a entrada das duas torcidas no Estádio por volta das 15h30min h... No meio da bateria da TOF um “mar azul” demonstrava o resultado das trocas na Sede... O jogo terminara 5 para o CAP e 4 para o Cruzeiro (5x4) o que não impediu que os torcedores voltassem para a Sede e permanecessem lá por mais duas horas. (DIÁRIO DE CAMPO, CAP x CRUZEIRO, PELO CAMPEONATO BRASILEIRO).

No interior da Sede da torcida, principalmente próximo ao bar, pode-se observar símbolos que se referem às torcidas aliadas. São faixas, bandeiras, camisetas e outros artefatos deixados pelos visitantes ou trazidos pelos membros da diretoria, em diferentes viagens. O jogo em questão, não representava nenhuma decisão dentro do campeonato, que era disputado pelo regulamento dos pontos corridos.

Até agora falamos de viagens chamadas “bate e volta” que é quando os associados vão, assistem ao jogo e retornam para a sua cidade. Contudo, em casos mais raros, ocorrem viagens em que os visitantes permanecem na cidade por mais de um dia. Nestes acontecimentos, a Sede fica disponível para servir de alojamento ou alguns associados acolhem seus aliados em suas casas: “Agora você só poderá falar comigo daqui uns 10 dias... Vou assistir CAP e Fortaleza e vou ficar no nordeste passeando, na casa de um colega meu da TUF”<sup>51</sup> (MEMBRO DA DIRETORIA DA TOF, informando que estaria ausente por um período).

A receptividade seguida de hospitalidade ocorreu também por ocasião do aniversário da TOF, quando foram convidadas diferentes torcidas brasileiras mais a La Plaza do Cerro Porteño do Paraguai. “A nossa intenção é reunir o maior número de amigos para fazer essa festa conosco. Se virão não sabemos, mas

---

<sup>50</sup> O Esporte Clube Cruzeiro fora campeão antecipado aquele ano.

<sup>51</sup> Leões da TUF - Torcida Uniformizada do Fortaleza do Fortaleza Esporte Clube do estado do Ceará.

convidados foram e serão muito bem recebidos” (ASSOCIADO e na época, 2005, membro da diretoria).

Na ocasião, um integrante da torcida paraguaia se fez presente, além de alguns integrantes de torcidas brasileiras, algumas delas aliadas e outras convidadas somente pra manter a “política da boa vizinhança” (segundo um associado). Dentre as torcidas representadas na festa estavam: as Leões da TUF, a Máfia Azul, a Comando Guerreiro Eldorado<sup>52</sup>, a Falange Azul<sup>53</sup>, a Os Imbatíveis, a Esquadrão Vilanovense, a Fiel Força Tricolor, a Febre Amarela, a Torcida Uniformizada do Galo e a Gaviões da Fiel. Foram elencadas torcidas em que até mesmo um só membro esteve presente.

Além das aliadas anteriormente citadas, a TOF possui mais sete alianças, tendo um total de oito aliadas em âmbito nacional e uma no âmbito estadual – Falange Azul do Londrina Esporte Clube – sendo que todas estão relacionadas com o Clube, através dos já comentados símbolos espalhados pela Sede e também, pela Internet, com seus endereços virtuais na página oficial da TOF. Recentemente, foi implantado no site da TOF, um manifesto de Paz e Justiça. Esse manifesto faz parte não somente do site da TOF, mas também, da página de algumas das aliadas, como é o caso da Máfia Azul e da TUI<sup>54</sup> demonstrando que o entrosamento se dá também no que se refere à propagação da paz nos estádios. Segue o manifesto intitulado de Paz e Justiça - nossa onda é torcer sem violência:

Vimos através deste manifesto desmistificar algumas opiniões polêmicas sobre as torcidas organizadas e demonstrar a todos que também lutamos e torcemos por PAZ e JUSTIÇA, dentro e fora dos estádios, além é claro, por nosso Clube do Coração. Para quem não sabe ou não conhece, Torcida Organizada não é gangue, não é bando e muito menos uma organização criminosa em que fazem parte meliantes, bandidos ou marginais. Torcedores organizados não vão ao estádio com o intuito de promover a desordem, de gerar violência gratuita, de cometer delitos contra o cidadão comum, de agredir fisicamente o torcedor rival e muito menos de tirar a vida de inocentes. Para quem sabe e conhece, Torcida Organizada é um grupo de pessoas comuns como eu e você, que gostam de assistir ao jogo de pé, porque não é platéia e de se organizar para colorir o estádio com bandeiras, faixas, papel picado, sinalizadores e outros artifícios que embelezam o espetáculo. Torcedores Organizados são uma associação de amigos e irmãos com ideologias parecidas. Gostamos de gritar do começo ao fim o nome do time do

---

<sup>52</sup> Fragmento da Máfia Azul. Os Comandos são muito comuns nas torcidas de Belo Horizonte.

<sup>53</sup> Respectivamente: Londrina Futebol Clube, Esporte Clube Vitória, Vila Nova, Botafogo de Ribeirão Preto, Brasiense Futebol Clube, Rival da Galoucura - torcida do Clube Atlético Mineiro, São Paulo Futebol Clube, Sport Club Corinthians.

<sup>54</sup> Torcida Uniformizada Os Imbatíveis do Esporte Clube Vitória.

coração, de fazer uma festa à parte no estádio e de apoiar o nosso time para mais uma vitória, mesmo na pior das circunstâncias. Entretanto não somos inocentes em achar que não existem entre os nossos integrantes, uma minoria de pessoas que não entende a nossa filosofia de torcer e amar o Clube em que depositamos nossas emoções, frustrações e esperanças. Porém é inocente quem acha que há somente gente sem compromisso e inescrupulosa em Torcida Organizada e não vê que existem pessoas de caráter duvidoso em qualquer profissão, família, partido político, fundação religiosa, entre outras organizações. Dada estas explicações, viemos a público dizer que SEMPRE orientamos nossos integrantes a respeitar o próximo e principalmente o adversário. Que temos como bandeira a paz e justiça para todos, independente das camisas que vestem. Finalizamos este manifesto, deixando um recado para aqueles que não conhecem um amigo, parente ou conhecido que torce por um outro time, ou que acha demagogia e hipocrisia o que foi dito até aqui. Meu amigo, você além de não nos conhecer, também não conhece nada sobre o seu ADVERSÁRIO e muito menos sobre ESPORTE. Pois se conhecesse, veria que por incrível que pareça, neste ponto OS NOSSOS RIVAIS PENSAM COMO A GENTE! O Universo do Futebol é educação, cultura e principalmente alegria! A nossa *onda* é torcer sem violência! (SITE OS FANÁTICOS).

Neste manifesto publicado pelas torcidas organizadas, pôde-se perceber uma preocupação em conscientizar o torcedor comum de que a generalização sobre os seus membros e até mesmo sobre as diferentes torcidas do Brasil não deve existir, abrangendo pontos sobre o que, na visão deles, é ser um torcedor organizado. O tema Paz e Justiça, que dá título ao manifesto, foi escolhido propositalmente para enfatizar que as torcidas organizadas também lutam por paz e justiça.

Muitas vezes cabe aos membros da diretoria, passar essa conscientização aos torcedores associados e fazer com que esses dizeres sejam verdades na prática, o que pode ou não acontecer. Um papel de suma importância na manutenção da paz, dentro e principalmente fora dos estádios é o dos funcionários públicos que, em nome do Estado, zelam pela preservação do bem comum e também dos cidadãos.

## 4.2 RELACIONAMENTO COM AS INSTITUIÇÕES

### 4.2.1 Polícia Militar

Em dias de jogos, além da presença de inúmeros seguranças particulares no interior do estádio, tem-se a presença de policiais militares dentro e fora de campo. Essa presença não fica restrita somente ao estádio. São diversos homens e mulheres no entorno dele, precavendo situações que podem acontecer entre qualquer tipo de torcedor, seja ele comum ou organizado.

No Paraná, a Polícia Militar, que é a responsável pela segurança nos dias de jogos no estádio e pelas ruas da cidade, está realizando um programa de interação com a torcida organizada, para que os seus dirigentes conscientizem seus membros sobre as atitudes que devem ser tomadas em determinadas situações. A pesquisadora vê isso com imensa importância, pois,

... um dia de jogo pode ser pensado como um ritual de cisão simbólica da sociedade e também como representação do embate entre os vários segmentos que assumem diferenciados papéis como, por exemplo, a elite dirigente do futebol (os cartolas), o aparato policial (o Estado), os torcedores (o povo). Cisão expressa também na própria configuração espacial dos estádios, que destinam, de maneira muito clara, o lugar para as autoridades e para os pobres, confinados às (...) arquibancadas e gerais as *massas*; às cadeiras, tribunas e camarotes os *indivíduos* (...) (FLORES, *apud* TOLEDO, 1996 p.42).

É grande a preocupação dos policiais em manter a ordem no entorno do estádio, buscando impossibilitar as ações de vândalos e de indivíduos agressivos na promoção de badernas. Os policiais recrutados para trabalhar no jogo dependem muito da expressão da partida. Segundo um policial que trabalha no módulo ao lado do estádio e que é um dos responsáveis pela escala dos policiais militares<sup>55</sup> que trabalham nos jogos, as maiores demandas são para clássicos e os jogos com os times do eixo Rio-São Paulo. A demanda por homens e mulheres que atuam no policiamento em um jogo na Kyocera Arena varia entre 200 a 600, podendo ser advindos de outros batalhões próximos, recrutados para reforçar o trabalho. Todos os PM's são instruídos a trabalhar conforme as regras da boa conduta, anteriormente frisadas junto às torcidas organizadas. As três maiores torcidas do Estado participam continuamente de reuniões com o policiamento, pois,

... a PM procura sempre manter um contato com as organizações, as torcidas. No caso aqui na Arena o contato é com a torcida Os Fanáticos. Contato muito bom com o atual presidente da torcida onde nós estipulamos regras de comportamento com eles e que se forem infringidas serão penalizadas e estamos tendo um bom resultado com essa boa relação entre torcida e Polícia Militar (POLICIAL MILITAR, entrevistado em 2006).

Essas regras podem ser conhecidas como condutas para a o isolamento de situações de risco. Ou seja, o policiamento busca conscientizar a TOF, através

---

<sup>55</sup> Podem ser chamados e reconhecidos pela sigla PM.

do seu presidente, que os associados operem de forma ordenada em caso de tumultos, e que será contornado em pouco tempo pelos policiais militares. Essa conscientização surte efeito em muitos indivíduos, todavia diversos fatores podem fazer com que uma discussão verbal culmine em agressão física, exigindo uma intervenção precisa do policiamento.

De acordo com o PM abordado, o principal motivo que leva um indivíduo a cometer atos que fogem ao seu controle é a sensação de anonimato ao estar inserido na massa. “E isto pode acontecer até mesmo com indivíduos que não fazem parte da Associação, mas que estão utilizando de algum símbolo que remeta a torcida no momento da infração, podendo assim, fazer com que nós, ou mesmo a mídia, atribuamos a culpa do ocorrido à torcida organizada” (idem).

Nessas ocasiões podem ocorrer também, conflitos ou atos de vandalismos nos pedaços da TOF, pois como já enfatizado anteriormente, não é possível fazer com que o acesso seja permitido somente aos membros associados. Simpatizantes da torcida, mas que não possuem nenhum vínculo com a organizada, estão propensos a cometer atos ilícitos. Questão que pode ser também explicada pela identidade, pois através dela pode-se encontrar os fatores extremos: os que se identificam com a torcida e a preservam e os que se identificam com ela, a ponto de tomarem qualquer atitude para defender o nome e os membros da Instituição, e ainda os que simpatizam, mas que não têm “paixão”, por isso, para eles, tanto faz.

A autoridade da polícia, de certa forma, acaba por intimidar os indivíduos e a sua presença em áreas próximas faz com que a agressão física seja evitada, porque se ocorrer torna-se um grande ciclo de agressões: torcedores versus torcedores, rivais versus policiais e, em alguns casos, no interior do estádio, há a inserção dos seguranças particulares no conflito.

Em conversa com um funcionário do Clube, ao abordar as questões de conflito que ocorreram no interior da Arena, enfatizou que “a Polícia Militar do Paraná é muito despreparada para algumas situações” e comprovou sua opinião com a seguinte narração:

Em um clássico tranquilo, Atlético e Paraná se enfrentavam. Nenhum problema aparente e de repente um indivíduo, da torcida visitante, no caso o Paraná, joga uma bomba dentro de campo. A polícia na hora abordou o torcedor gerando um imenso conflito com ele e



com os outros que vieram o proteger. Então veja, era evidente quem era o torcedor. A policia já tinha certeza do individuo e este estava recluso no Estádio. Porque não então cerca-lo e aborda-lo em outro momento para não gerar maiores conflitos? (FUNCIONÁRIO DO CLUBE, entrevista concedida em 2006).

Nesta fala, apesar do fato estar ocorrendo na torcida visitante, atenta-se para, além do fato já enfatizado pelo funcionário do Clube, uma falha na revista dos torcedores que entraram no Estádio. Segundo o policial entrevistado, são realizadas revistas por parte dos PM's, em todos os torcedores, sejam homens ou mulheres, antes de adentrarem no Estádio:

Mastros de madeira de bandeiras acima do tamanho permitido, e objetos que ofereçam perigo aos outros torcedores, como guarda-chuvas, por exemplo, são vetados e tem que ser deixados do lado de fora. Conversamos com a Torcida Organizada também sobre isso e sobre os materiais que o Clube não permite o acesso ao Estádio, para que na hora da partida não existam discussões sobre estas regras já impostas (POLICIAL MILITAR, entrevista concedida em 2006).

A revista realizada inclusive dentro de bolsas e mochilas, tem como finalidade, além da prevenção de acidentes, evitar que objetos sejam atirados dentro do gramado, e também, preservar o patrimônio. Esta prática, segundo um associado, é aceita com tranqüilidade: “não podemos evitar que nos revistem e isso é bom para que nenhum engraçadinho jogue um objeto em campo e faça o Furacão<sup>56</sup> ir jogar em outro lugar”<sup>57</sup> (ASSOCIADO da TOF). “O próprio fato de arremessar objetos em campo pode trazer um conflito maior entre torcedores”, explica o PM, “pois, esta atitude é inadmissível entre eles e gera desde um xingamento até um conflito corporal” (POLICIAL MILITAR, entrevistado em 2006).

A atenção da policia está voltada também para a fala torcedora, buscando atentar-se aos torcedores que se exaltam, precavendo situações que podem gerar conflitos corporais. Apesar de a policia procurar chegar até o individuo com discrição, é notório e evidente que o uso dos capacetes brancos chame a atenção de boa parte dos torcedores, levando-os a focarem naquele local, buscando sempre visualizar um conflito o que nem sempre está ocorrendo no momento, pois “algumas situações podem ser resolvidas com uma simples conversa” (idem)

---

<sup>56</sup> Atlético.

<sup>57</sup> O arremesso de objetos no gramado pode fazer com que o clube perca mandos de campo, tendo que disputar a partida em outro estádio e sem a presença da torcida.

Geralmente, pouco se vê alguns policiais ocupando as arquibancadas do estádio. Na maioria das vezes, eles fazem seus pontos dentro do gramado, sendo que alguns deles dão as costas para a partida, olhando e por vezes filmando a torcida. Esta filmagem acontece principalmente no pedaço da TOF e na torcida visitante e, segundo um policial, tem função preventiva e de intimidação. Outros policiais encontram-se durante a partida, nos túneis de acesso aos setores de arquibancadas e são avisados quando há alguma irregularidade pelos policiais presentes dentro do campo ou pelos seguranças particulares. Os únicos policiais presentes nas arquibancadas são os que realizam o cordão de isolamento entre as torcidas<sup>58</sup> e podem estar acompanhados por cachorros, dependendo da rivalidade entre as torcidas e do ânimo entre os torcedores. Segundo o policial, muitas vezes os torcedores presentes nas divisas dão mais trabalho do que os Torcedores Organizados, por estarem mais próximos do “inimigo” e pela provocação ser latente.

Um acordo feito entre o Ministério Público e as Torcidas Organizadas do Paraná, mais enfatizado pela mídia, é o fato de não ser permitido o uso de camisas das Torcidas Organizadas em dias de clássico. Este acordo está em vigor já há algum tempo e é bastante respeitado pelos torcedores.

De um modo geral, a atuação da polícia é vista com aprovação pela diretoria da TOF. Mas mesmo aprovando eles fazem algumas ressalvas. Para eles as reuniões com a Polícia Militar são de extrema importância:

... é ótimo colocar as idéias em pauta e trabalhar para a segurança dos nossos associados. Tem muita gente boa envolvida neste projeto. Falo não só dos policiais, mas também dos dirigentes das outras torcidas. Mas de nada adianta realizarmos reuniões se quem vai de fato trabalhar nos jogos não está presente. Conversamos como Coronel, Major e chega no dia do jogo tem um policial na nossa esquina querendo mostrar serviço de qualquer forma... sem contar que, de que adianta só ter polícia perto do Estádios se os problemas maiores de vandalismo acontecem nos terminais (de ônibus)? Porque não fica pelo menos dois PMs em cada terminal, principalmente em dias de clássico? Nós orientamos nossos membros, principalmente através dos chefes de comandos, mas a força policial sempre é mais presença (MEMBRO DA DIRETORIA).

Ainda segundo um membro da diretoria “não se pode dizer com precisão, mas o fato destas reuniões serem realizadas com freqüência, principalmente

---

<sup>58</sup> Realizado sob forma de cordas presas nos corrimãos da divisa ou somente pelo policiamento, enfileirado de cima a baixo nas arquibancadas.

antes dos Clássicos pode ter relação com a diminuição dos atos de vandalismo”. A pesquisadora não presenciou esses atos no período da pesquisa no espaço que era o seu foco, isto é, o entorno do estádio. Além disso, percebeu também que as notícias vinculadas pela mídia, sobre atos de depredação em terminais de ônibus, diminuíram em comparação há três anos<sup>59</sup> ocasião em que a redução já era perceptível se comparada aos anos 90.

#### 4.2.2 Clube Atlético Paranaense

O relacionamento entre a TOF e o Clube Atlético Paranaense é um assunto delicado de se tratar com os membros da torcida. Nos últimos oito anos o Clube foi dirigido pela mesma cúpula de presidentes e diretores de conselhos. Durante esse período, passou por duas importantes situações que o valorizaram no cenário nacional: a construção do novo estádio que substituiu o anterior, localizado no mesmo lugar e o título brasileiro do Campeonato Brasileiro de 2001.

Muitos membros da torcida não aprovam a atual diretoria, justificando pela elitização do estádio. Desde entrega da obra do novo estádio até os dias de hoje, o ingresso subiu quase que anualmente, gerando a revolta dos torcedores organizados: “eles querem elite. Mas elite só vai em jogo grande. Quem é que está lá cantando e gritando nesse falido campeonato paranaense? Somos nós, a organizada. Eles deveriam ter mais consideração” (ASSOCIADO da TOF)

Aqui, cabe uma reflexão sobre o papel do futebol profissional na sociedade. Segundo Proni<sup>60</sup> a funcionalidade da instituição clube de futebol prioriza principalmente a questão econômica. “... à medida que as práticas esportivas se estruturaram enquanto instituição integrada, o esporte moderno passa a obedecer todas as leis que regem o sistema capitalista - acumulação, concentração, circulação de capitais” (PRONI, 2002, p.26).

O sistema capitalista rege o esporte competitivo já há algum tempo. As instituições clubísticas estão sempre em busca de competitividade. “A competitividade da empresa esportiva é, sobretudo, a busca de competitividade num mercado. É no mercado que se estabelece uma hierarquia entre os

---

<sup>59</sup> Na primeira experiência como pesquisadora.

<sup>60</sup> Proni utiliza os conceitos de Jean Marie Brohm que é um sociólogo francês e que em uma das principais obras, *Sociologie politique du sport*, trata sobre as dimensões sociopolíticas do esporte.

competidores, a qual está associado ao potencial de faturamento e à taxa de rentabilidade de casa empresa” (PRONI, 2002, p.26).

Essa visão de empresa foi constatada como sendo a utilizada pelo Clube Atlético Paranaense<sup>61</sup>, que se interessa freqüentemente por parcerias com empresas de outros segmentos, como é o caso da Kyocera, que patrocina e cede o nome ao estádio e também, parcerias com clubes de futebol, como recentemente ocorreu com o Dallas, Clube dos Estados Unidos da América. O interesse do CAP está no marketing e na divulgação da marca do Clube que se assemelha a uma empresa, mas preserva características do mundo do futebol. A cúpula dirigente habitualmente consegue ficar no poder, sem grandes oscilações.

A elitização do estádio faz parte desse pensamento consumista. Em palestra para estudantes, na qual esta pesquisadora estava presente, um membro da diretoria e um dos responsáveis pela modernização do Clube, dizia: “Para nós não interessa o torcedor que junta centavos para ir à um jogo de futebol, pois este não tem condições de consumir no interior do Estádio. Nós queremos aquele que tem condições de ir em todos os jogos e de consumir.”

O Clube, por vezes, esquece que o Estádio, assim como relatado sobre a Sede anteriormente, também pode ser visto como espaço de lazer. Vê-se nele um local em que existe a participação ativa dos indivíduos nos acontecimentos desportivos, o que para Elias e Dunning é “um fato de lazer mimético, no qual pode produzir-se excitação agradável e que cumpre, a este respeito, uma função de *destruição da rotina*” (ELIAS 1992, p.323) (grifo da autora).

Essas atividades, consideradas por eles como miméticas, são assim chamadas por aproximarem-se daquelas em que, nas sociedades primitivas, eram liberadas para qualquer tipo de excitação. Mas vale lembrar que mesmo as reações a essas atividades miméticas são limitadas por restrições civilizadoras, oriundas da sociedade: “a excitação prazerosa pode ser mostrada com aprovação social sem ofensa à consciência individual, desde que não passe dos limites específicos” (DUNNING, 2003, p.24). Tais atividades permitem a minimização do autocontrole fazendo com que os indivíduos fiquem mais suscetíveis a manifestar suas emoções, sejam elas positivas ou negativas. O estádio proporciona isso.

---

<sup>61</sup> Ao longo dos últimos quatro anos, desde o início desta pesquisa junto ao Clube, neste trabalho monográfico.

O descontrole das emoções passa a ser comumente observado nos indivíduos durante a apreciação do esporte de alto nível que atraem grandes massas. É nesses ambientes que atitudes que não fazem parte do dia-a-dia dos indivíduos, como gritar, xingar e até mesmo chorar copiosamente, passam a ser comuns. É trivial ver lágrimas de alegria ou de raiva em indivíduos adultos, assim que seu time ganha ou perde um campeonato. Também é normal ouvir desses mesmos indivíduos, palavras de ódio ou xingamentos acerbadados. Dentro do âmbito em está sendo apreciado o esporte-espetáculo, essas reações são totalmente aceitáveis, dando ao futebol e ao espaço estádio, a característica da emoção que, de certa forma, vai sendo deixada de lado pelo CAP em suas imposições.

Forço é fazer inicialmente um breve histórico de como é o relacionamento CAP – TOF e como essas imposições foram sendo fortemente atribuídas. Continuando na perspectiva dos ingressos, vale ressaltar que, segundo ambos — membros da torcida e diretoria do Clube — a doação de ingressos inexistente, bem como ingressos por preços inferiores e isenção de filas.

Para a diretoria da TOF, a doação de ingresso não é aceitável, pois eles não querem ser “vendidos”. Nessa afirmação, fica visível a ausência da relação de troca entre diretoria e torcida. Membros da torcida dizem: “Se aceitarmos vamos ficar devendo favores para eles e não queremos isso. Queremos liberdade de poder reclamar sobre o que está errado”. A TOF quer manter-se independente do Clube podendo assim conservar a liberdade de expressão, num jogo de poder que se assemelha ao do capitalista versus trabalhador<sup>62</sup>.

A ausência da relação de troca é reforçada por um membro da diretoria do Clube: “Não existe moeda de troca. O que existe por parte do Clube são concessões para colaborar com o espetáculo”. E realmente, neste último ano, foram abertas algumas concessões que possibilitaram até mesmo a entrada de membros da torcida no gramado do estádio. Em algumas partidas pelo Campeonato Brasileiro, a diretoria permitiu que torcedores entrassem e campo com a bateria e duas bandeiras, e antes do início da partida a bateria se

---

<sup>62</sup> Como força de resistência a TOF trilha um papel de ruptura e o Clube abertamente descarta-a porque acredita que seu produto pode atingir camadas superiores da população curitibana, parcela da população em que detém interesse.

posicionou frente ao espaço ocupado pela TOF, tocando algumas canções. Porém, alguns episódios impediram que essa atitude persistisse por muito tempo.

O mais emblemático desses episódios ocorreu no jogo contra o Paraná Clube, rival local. Os torcedores posicionaram as bandeiras, cada uma, em cima de uma das linhas laterais da grande área do campo. Faltava cerca de vinte minutos para o início da partida. O time do Paraná Clube, ao invés de utilizar do gramado sintético localizado no vestiário, subiu até o gramado da partida para aquecer. No momento da passagem, o goleiro Flávio pisou em uma das bandeiras, gerando uma grande confusão, pois os torcedores foram para cima dele agredindo. Nesse momento, seguranças particulares da Kyocera Arena invadiram o gramado e tiraram a força os torcedores que lá se encontravam (DIÁRIO DE CAMPO).

Esse episódio teve repercussões diferentes ante os torcedores que presenciaram o fato. Os torcedores envolvidos, a própria torcida organizada, os atletas que estavam em campo (principalmente o envolvido diretamente) e a imprensa, tinham uma versão diferente para o acontecido. Segundo os membros da torcida, Flávio, que foi goleiro do CAP do ano de 1998 até o ano de 2002, pisou propositalmente na bandeira e ainda agrediu verbalmente os membros da torcida, que entenderam isso como uma traição: “Os membros que entraram em campo são do bem. Sabemos que devemos respeitar os jogadores, mas ninguém tem sangue de barata. Ele falou demais e nós revidamos” justifica o membro da diretoria da torcida ao ser interrogado sobre a escolha dos que entraram em campo. A questão era saber qual era o maior culpado pelo acontecido, se os membros escolhidos tinham perfil mais tranquilo e se poderiam ser mais sensatos para exercer essa função sem prejudicar o todo.

O mesmo questionamento foi feito ao membro da diretoria, responsável pelo contato direto com a TOF, que disse: “não existe maior culpado. O Clube tem parte de culpa por ter oportunizado, mas não imaginaríamos que aconteceria isso” (membro e funcionário do Clube).

Esse episódio, que rendeu multas financeiras e perda de um mando de campo<sup>63</sup> para o Clube, fez com que suspendesse os benefícios dados à torcida, ampliando um pouco o quadro de proibições.

Essas proibições, em sua maioria, iniciaram praticamente junto com a entrega da obra do novo estádio. As faixas da torcida foram proibidas desde o início, para não concorrer com as placas de publicidade do estádio, assim como as bandeiras que foram proibidas, devido ao perigo dos mastros serem usados como armas, e também porque prejudicam a visibilidade dos proprietários dos camarotes localizados sobre a área ocupada pela TOF. Percebe-se que o “público-alvo” do Clube passa a ser outro.

Depois desse episódio a diretoria passou a proibir também, a entrada das caveiras confeccionadas em isopor maciço, que são elevadas no meio da torcida, principalmente na entrada do time em campo e na hora dos gols do CAP. A bateria conseguiu se manter ilesa. Bateria esta, que já foi alvo de outras proibições pela diretoria do Clube. Diante dessas proibições, vários manifestos foram realizados pela TOF, entre os quais, não entrar no estádio durante as partidas do Clube, ficando do lado de fora. “A bateria é nosso principal material. Sem ela não conseguimos puxar a massa atleticana para cantar conosco. Sem ela o incentivo aos jogadores fica reduzido, pois o barulho passa a ser menor” (membro da TOF).

Segundo o Clube, um dos pontos principais para essa proibição é a melhora da visibilidade de todos os torcedores. Como o estádio é todo tomado por cadeiras, o Clube entende que os torcedores devem assistir à partida, sentados e a presença da bateria faz com que os torcedores organizados fiquem em pé. Porém, desde 2004, essa proibição não mais ocorreu, todavia, constantemente observa-se um movimento nítido do Clube para o aumento das restrições.

Na época em que a bateria voltou a ser introduzida, depois de muitos protestos, a diretoria tentou mudá-la para o setor superior da Arena, alegando que atrapalharia menos a visibilidade dos camarotes. Mudar a bateria de local faria com que a torcida abandonasse seu espaço anterior, perdendo parte da sua identidade com os torcedores associados e com os comuns. A inovação durou somente um jogo, pois além dos torcedores organizados protestarem, os comuns,

---

<sup>63</sup> O time joga em campo neutro e sem presença da torcida.

que costumavam assistir jogos no andar superior, reclamaram da presença da bateria fora do seu lugar habitual.

Episódios como esse da proibição da bateria, reforçaram a oposição da TOF à atual diretoria. Constantemente, principalmente em jogos de maior expressão, a torcida atinge nomes da diretoria através de xingamentos. Tal atitude é reprovada pela maioria dos torcedores comuns e rebatida pela TOF: “Eles acreditam que eles (os dirigentes) são os deuses do Atlético. Para nós não é bem assim. Queremos que a diretoria do Clube valorize o torcedor como parte do espetáculo” (ASSOCIADO da TOF). Como pesquisadora, foi possível observar que muitas vezes, a TOF persiste em não aceitar o fato de que o Clube não é mais somente paixão, mas emoção pelo futebol, aliado ao consumo e neste último quesito a organizada não se encaixa.

Necessário se faz retomar aqui, a questão sobre o torcedor organizado ser movido pela emoção. Fazer parte da TOF, para a grande maioria, não dá retorno financeiro tampouco grande status. O status que eles têm é o de “ser um torcedor diferenciado” expressão que eles mesmos utilizam. E este diferencial está em apoiar o time envolvendo-se totalmente com emoção. Estas restrições que o Clube impõe aos torcedores fazem com que as emoções oriundas da presença dos materiais, como bandeiras e faixas<sup>64</sup> sejam anuladas, relegando a torcida a um plano inferior daquele indivíduo que paga o camarote e que não deve ter sua visão prejudicada.

No início de 2007, o CAP, alegando popularizar os preços de venda das cadeiras, iniciou o novo projeto de sócios, oferecendo pacotes em valores reduzidos em comparação aos anos anteriores. A TOF colocou uma nota oficial em seu site dizendo apoiar a nova forma de adesão de sócios, porém colocando uma série de sugestões que para eles poderia ser melhorado:

... se a intenção desse projeto é angariar o máximo de torcedores, poderiam ter criado um pacote diferenciado para familiares, menores, idosos, estudantes, mulheres e porque não, para torcedores distantes da capital...poderiam ter criado mais formas de pagamento e trabalhar com mais bancos... porque não oferecer a opção boleto bancário?... porque os dependentes menores de 18 anos não podem votar? Exigimos maiores explicações e mais transparência sobre as eleições... para finalizar, o preço tanto para sócio quanto para o ingresso individual está um absurdo...apesar de tudo isso apoiaremos o projeto e divulgaremos, acreditando que ainda possam corrigir ao menos alguma dessas falhas.

---

<sup>64</sup> Que são de grande importância para uma torcida organizada.



Lembramos que este apoio é sempre visando a instituição Clube Atlético Paranaense e não para benefícios de filho da p... nenhum. Todos os diretores da torcida já se associaram e estamos instruindo nossos sócios para aderirem também. Contamos com o apoio de todos (SITE OFICIAL TOF).

Ao serem questionados se esse apoio não seria somente pelo fato de estarem participando ativamente da votação e de poderem até mesmo constituir uma chapa disputando uma vaga na diretoria ou na presidência, os dirigentes da TOF foram bem enfáticos na resposta: não. Entretanto, a questão continua aberta, pois foram tantas as concessões e reclamações enumeradas que o motivo pelo qual o apoio é dado fica obscuro. Vale ressaltar que até o presente momento nenhuma das concessões feitas por eles foram atendidas.

Recentemente, mais um fato movimentou a relação TOF e Clube Atlético Paranaense:

No dia 07 de março estava marcado o jogo contra o Cianorte pelo Campeonato Paranaense de Futebol. Para esta mesma data foi agendado um amistoso contra o Dallas Futebol Clube, clube dos Estados Unidos com o qual Atlético formara recentemente uma parceria. Os dois jogos foram marcados em seqüência, garantindo ao torcedor uma rodada dupla, ou seja duas partidas pelo preço de um único ingresso fato inédito na história da Kyocera Arena. Ainda pela ocasião do dia Internacional da Mulher (08/03) os ingressos tiveram preços promocionais. O primeiro jogo foi o oficial, Atlético x Cianorte, disputado pelo time reserva do CAP. O resultado foi de 3X0. Antes do início da partida amistosa, foram distribuídos brindes com as cores do Brasil e dos Estados Unidos, e os indivíduos que se encontravam no espaço da TOF, devolveram os brindes arremessando-os contra o gramado. Ao som do hino nacional Americano, vários deles vaiaram a execução e se colocaram de costas para o campo. Por fim, ao início da partida os membros da TOF se retiraram do Estádio sendo vaiados pelos demais torcedores (DIÁRIO DE CAMPO).

A atitude da Torcida Organizada gerou muita polêmica. No dia seguinte, os programas esportivos comentavam tal fato na TV. A manifestação também foi comentada em sites na Internet e alvo de crítica dos colunistas. Várias versões foram dadas ao fato, pois não se sabia ao certo o que havia acontecido. Mas o que prevalecia na maioria das críticas é que a TOF teria abandonado o CAP. Às 18 horas do dia seguinte, a Torcida Organizada Os Fanáticos fez um pronunciamento oficial no seu site na Internet:

Nota de esclarecimento: Através da presente, a Associação Recreativa Torcida Organizada 'Os Fanáticos' vem a público esclarecer alguns fatos ocorridos no dia de ontem (07/03/2007), durante a partida ocorrida entre o Clube Atlético Paranaense e o F.C. Dallas. Em primeiro lugar, esta associação gostaria uma vez mais de reiterar o seu

incondicional apoio a instituição Clube Atlético Paranaense em todas as suas categorias, manifestado de forma ininterrupta desde a sua fundação no ano de 1977, com presença marcante em todos os estádios brasileiros ou no exterior por onde o clube se apresentou. Entretanto, não pode a Associação Recreativa Torcida Organizada 'Os Fanáticos' concordar com determinadas atitudes de seu "onipresente" mandatário, o qual através da atual política implantada no clube conseguiu nada menos do que afastar a "nação torcedora menos favorecida", pela prática dos preços de ingressos mais altos do país! Aliás, o que se vê em relação a qualidade técnica dos jogadores contratados nos últimos anos é inversamente proporcional aos valores dos ingressos praticados no mesmo período, restando evidente a carência de ídolos pela qual passa o clube. Ora, resta evidente que o Clube Atlético Paranaense transformou-se há muito em mera "prateleira de jogadores", para a realização de negócios nos interesses de poucos, em detrimento aos interesses dos torcedores e sócios do Clube Atlético Paranaense, sendo que a partida amistosa de ontem bem serve a ilustrar tais fatos. A manifestação ocorrida ontem, teve como único intuito demonstrar o repúdio desta organização a atual política adotada pelo clube pelas razões já expostas. Além disso, por razões que parecem no mínimo duvidosas, causa estranheza o incentivo a festividade apenas para esse "jogo amistoso meramente comercial", quando no dia-a-dia, esta organização vem sendo sistematicamente retaliada, de modo a dar continuidade ao que sempre fez de forma ímpar: incentivar o Clube Atlético Paranaense em qualquer estádio e em qualquer situação. É por acreditar no exercício do seu direito a livre manifestação -"o que infelizmente não é compartilhado por todos, talvez tomados pelo modo norte-americano de governar" -, que esta associação vem a público apresentar a sua versão para os fatos ocorridos, pedindo desculpas aos torcedores do Atlético e a todos aqueles que, de alguma forma tenham se sentido ofendidos ou desrespeitados pelos fatos ocorridos. Atenciosamente, A Diretoria (SITE OFICIAL DA TOF).

Percebeu-se que em determinado momento do pronunciamento, a diretoria da TOF faz menção à palavra interesse. O que parece estar em pauta para o Clube é o próprio interesse, deixando a torcida de lado e relegando-a ao segundo plano e, de certa forma, seus torcedores.

Até o presente momento esta última manifestação não gerou nenhum pronunciamento oficial da diretoria do Clube e nenhuma punição para a torcida que, no jogo seguinte, estava inserida no local de sempre, cantando para o time.

Diante dos fatos aqui apontados, pode-se perceber que a TOF não está contemplada nos planos consumistas do Clube. E por não ser mais considerada como uma parte integrante do todo foi que o último protesto não rendeu nenhum tipo de punição e sequer de manifestação por parte do Clube. Neste último episódio, os torcedores comuns incentivaram o time, torcedores estes que se localizam no setor que possui o ingresso mais caro do Estádio e que foram enaltecidos pela diretoria, pela participação ativa durante a partida amistosa. Esses torcedores são mais visados para o futuro do Clube, pois consomem mais a marca Atlético Paranaense através de uniformes, camisetas e acessórios. É

este tipo de torcedor que o CAP está preparando: consumidores em potencial que possam gerar lucros para a instituição clubística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa, é mister ressaltar alguns pontos que vão além do que se ouve na mídia e no senso comum quando se trata de torcidas organizadas de futebol.

A pesquisa de campo foi surpreendente em vários aspectos. Sempre em busca de verificar a sociabilidade entre os membros da torcida, a impressão de heterogeneidade foi confirmada logo nos primeiros relatos do diário de campo. Já na parede da Sede, ao deparar com a Fachada (antiga) observa-se a inscrição: Em Deus nós Confiamos. O que poderia ser inconcebível em se tratando de uma Torcida Organizada de Futebol foi ganhando sentido ao observar que existem grupos diferentes dentro do grande grupo, como aqueles que regem o todo, criando regras e configurações que até então não se poderia imaginar. Esses temas não são associados aos programas televisivos que discutem o esporte.

Os padrões de conduta da TOF incluem não somente a questão da crença, envolvendo religiosidade<sup>65</sup>, mas também, a agregação da família, nos eventos promovidos pela torcida organizada. Como qualquer espaço de sociabilidade a TOF pode agregar ou afastar as pessoas. Há um código de conduta que faz com que os membros passem a frequentar o espaço ou deixar de fazer parte do grupo. A TOF toma como prioridade a conduta que possibilita a inserção da esposa e filhos dos seus membros. Talvez por isso, a presença de grupos de membros antigos seja bastante intensa principalmente nos dias de eventos na Sede. Não se está defendendo que as torcidas organizadas no Brasil tenham o mesmo comportamento, mas procura-se destacar que no grupo estudado este tipo de comportamento foi visível.

O espaço da torcida também contribui para que esses encontros sejam possíveis, pois a Sede é ampla e mantém suas portas abertas diariamente. Todos os grupos que compõem a torcida frequentam esse espaço para exercer a sociabilidade sob diversas formas e em diversos momentos. O grupo presente diariamente preserva um contato diário; os comandos e alguns outros grupos procuram se fazer presentes nas reuniões e em algum momento (antes ou depois) das partidas; as esposas acabam por conhecer outras mulheres, criando

---

<sup>65</sup> Membro da diretoria garantindo que haverá uma capela na nova construção, após a reforma.

um círculo de convivência; e os sócios antigos passam por esse espaço, nem que seja para tomar uma cerveja no bar e encontrar algum conhecido. Ou seja, a presença pode ser constante ou restrita, mas em todos os casos ocorre uma sociabilidade entre os membros e mesmo entre os simpatizantes.

Muitos indivíduos "de fora", torcedores ou não, desconhecem ou sequer imaginam o que ocorre por trás do portão da Sede da Caveira. Considera-se que o que afasta um pouco as pessoas que por ali passam e não adentram o local são os indivíduos que ficam sentados em frente à Sede, ocupando parte das calçadas e o meio-fio da rua, fazendo uso de drogas lícitas como bebidas alcoólicas e cigarros. Pode-se dizer que, de certa forma, esse fator serve como delimitador, apesar da hipótese de que esse procedimento corriqueiro não procura afastar propositadamente outros membros da comunidade. Isso porque esse espaço de sociabilidade permite ações (como o sentar no chão) que outras esferas do dia-a-dia acabam refutando. A teoria figuracionista dá a base necessária para essa explicação. Sobre esse assunto Cavichioli afirma:

No desenvolvimento da espécie humana as restrições sobre os sentimentos oscilam menos entre os extremos, pode-se dizer que há uma elevação no patamar de autocontrole. O lazer é um campo social onde se produzem movimentos opostos no sentido de liberação das restrições sociais e individuais. Portanto, as atividades de lazer são complementares ao controle e restrições da emotividade no cotidiano, no dia-a-dia das pessoas, "uma não se pode compreender sem a outra". Esta visão relacional rejeita afirmações advindas de teorias, que afirmam que o lazer é apenas um tempo sublimatório ou simplesmente compensador. Por isso rejeita a dicotomia "trabalho-lazer" e as pesquisas que se baseiam em tais pressupostos, pois as mesmas tratam do assunto de forma axiomática (CAVICHIOOLI, 2000, p. 04).

Os torcedores e as pessoas que passam pela rua acabam por tomar esses indivíduos, como padrão, sem saber da grande quantidade de subgrupos que a TOF possui. E as pessoas não enxergam "aquela" casa (espaço) como um local de lazer. Essa contradição reflete-se numa avaliação e estigmatização negativa da torcida.

O mesmo acontece no espaço da TOF no estádio. Como já enfatizado anteriormente, não existe nenhuma maneira burocrática de controlar quem se insere no espaço. Mas a demarcação através dos materiais expostos, das coreografias feitas e até mesmo da presença das drogas — lícitas e ilícitas — existe e é bastante forte, de modo a agregar nesse espaço, somente os

torcedores que simpatizam com a TOF e querem se sentir parte do grupo de torcedores que participam de maneira mais enfática da partida e que não são necessariamente membros ou associados. O interessante é que, na maioria das notícias divulgadas sobre as vendas de ingressos na Kyocera Arena, o setor em que se localiza a TOF é o que primeiro tem os ingressos esgotados. Ou seja, o pedaço da TOF acaba por ser bastante procurado e freqüentado não só pelos associados.

Esse fato é visível nos dias em que o estádio está lotado, pois muitos torcedores que ali se encontram não são associados e estão no local não só pela torcida em si, mas por diversos hábitos que ali se fazem presentes como o de serem usuários de drogas lícitas e ilícitas, de pessoas que se expressam por meio da coreografia, de indivíduos que procuram expressar-se com palavras de baixo calão e que se sentem mais à vontade do que em outras partes do estádio (embora esse fato ocorra em diversos setores). Ou seja, a sociabilidade se dá também por esses motivos.

Muitas vezes, em ambos os espaços e também nas ruas do entorno, existem conflitos verbais entre os próprios associados. Presenciou-se algumas discussões principalmente quando o assunto envolve o Clube e os jogadores. A polêmica relação entre a TOF e o Clube divide opiniões, mas a diretoria da torcida organizada, desde o início da pesquisa, se mostrou contra os mandatários atuais e por meio de protestos escritos tornou pública essa divergência.

O Clube, apesar de nada proferir na entrevista realizada, mostra através de atitudes, que tolera a torcida organizada, mas que ela não faz parte dos seus planos futuros. Apesar de abrir concessões, como foi o caso de permitir a entrada da bateria em campo por duas ocasiões, a proibição é constantemente maior, interferindo na própria configuração da torcida, que não tem a possibilidade de expor seu material, algo que é de suma importância para as torcidas organizadas brasileiras, no sentido de existência e de pertencimento. A ostentação de bandeiras, faixas e outros materiais como a caveira de isopor, é uma demonstração de força e grandiosidade perante as outras organizações semelhantes. Impedindo essa demonstração, o Clube acaba por interferir em um dos principais propósitos da torcida que é o de ostentar as cores do time. Será que agindo assim, o Atlético não quer evitar futuras perdas de consumidores, já

que estaria concordando que a TOF mostrasse seu material para depois os coloque a venda? Essa pergunta soa mais como hipótese a ser demonstrada em futuros trabalhos.

Por enquanto, este trabalho deu a perceber que em muitos momentos (e também na justificativa da proibição dos materiais)<sup>66</sup> o Clube demonstra estar agindo de uma forma em que a “paixão” pelo futebol está sendo substituída pelo pensamento consumista e que os torcedores vêm dando lugar a consumidores. O aumento do preço dos ingressos e a afirmação de que o interesse está no torcedor que tem a possibilidade de consumir produtos do Clube, acaba por afastar os membros da TOF o que, segundo um membro da diretoria, tem sua maior fatia composta por indivíduos que não possuem condições financeiras satisfatórias para o padrão imposto pelo Clube.

Isso se aplica não só aos ingressos, mas também aos produtos oficiais do Clube. Apesar de o Clube ter lançado sua linha licenciada com preços inferiores, muitos torcedores ainda preferem os materiais da TOF, que gera lucro e que, por sua vez, pode atrair futuros consumidores dos materiais do Clube Atlético Paranaense.

A inserção da TOF no comércio parece estar em constante crescimento, pois pouco antes do término da pesquisa, a torcida conseguiu o registro de sua marca, a qual possibilitará confecções de roupas e acessórios com a marca Os Fanáticos. Esta é uma forma de retorno financeiro para o grupo que, já inserido na sociedade judicial sob forma de Associação, não acumula lucros.

A relação Clube x TOF se abala também neste âmbito, pois apesar do vendedor da boutique da Sede da torcida organizada afirmar que a TOF não tem intenção de concorrer com o Clube, ele se sente de certa forma ameaçado pela torcida. Ou seja, o Clube gosta que a torcida o apóie contanto que não interfira na sua lógica de mercado.

A TOF propõe-se a apoiar o Clube e pelo observado é este o principal objetivo passado para os associados. Não se deve isentar aqui, a questão da violência tão enfocada quando se fala de torcida organizada. Os vários tipos de

---

<sup>66</sup> Para que as faixas e bandeiras não atrapalhem os proprietários de camarotes.

violência permeiam a TOF e acabam sendo um dos motes de sociabilidade<sup>67</sup>, principalmente quando diz respeito às torcidas rivais e aos patrimônios públicos.

Todavia, a questão da violência é uma das grandes diferenciações entre a TOF e as torcidas de outros estados. Foram raros os momentos da pesquisa em que foram observados casos de violência extrema como os que, em muitas situações, são mostradas pela mídia como acontecimentos constantes em outras localidades no Brasil. Destaca-se que não foi possível identificar membros combinando locais para que acontecessem conflitos corporais através da Internet. Os conflitos e atos de vandalismo acontecidos podem ser justificados pela perda de controle dos envolvidos. A teoria figuracionista proporciona elementos para discutir que a perda de controle não ocorre somente no lazer. Pode ocorrer em outras esferas da vida como o trabalho, a família e os encontros sociais. Obviamente no espaço ocupado pela TOF há uma tolerância maior pela sociedade, de determinados comportamentos que não são aceitos em outros âmbitos de relacionamentos e sociabilidade.

Esses atos, pelo que foi analisado na pesquisa, não são tolerados pela diretoria da TOF, que transmite aos seus associados, nas reuniões mensais e através dos chefes de comandos, que o trajeto até a Sede deve ser feito de forma tranqüila. Esta preocupação é demonstrada também pelo fato da TOF se propor a participar de reuniões envolvendo outras organizações e a Polícia Militar do Estado.

Devido a grande heterogeneidade do grupo, nem todos fazem parte dessa configuração, muitas vezes não tomando conhecimento das determinações da diretoria da TOF, das reuniões mensais e da preocupação em não concordar com a violência e também das ações que tentam coibir atos de vandalismo.

Por isso, pode-se dizer que a sociabilidade entre os membros ocorre de acordo com um padrão de conduta que é muito peculiar. As aproximações e as formações de subgrupos ocorrem por afinidades e por particularidades como comportamentos mais agressivos ou mais tranqüilos, envolvimento maior no apoio ao time na hora da partida e o uso de drogas lícitas e ilícitas entre outras. Alguns membros procuram afastar-se dos chamados “desordeiros”, mas nem por

---

<sup>67</sup> Indivíduos acabam por aproximar-se para “defender” as cores do Clube ou “defender” a Instituição.



isso deixam de participar e de freqüentar a torcida, encontrando em outros indivíduos semelhanças que causam proximidades.

Por todos esses fatores aqui expostos e por perceber a TOF como um grupo social promotor de sociabilidade acredita-se que as torcidas organizadas que se assemelham a esta, podem ser mantidas no cenário do futebol. Para tanto, coloca-se aqui uma sugestão, acreditando beneficiar ambas as organizações envolvidas: O Clube e a TOF.

O principal motivo que aproxima as torcidas organizadas da extinção são os atos de violência e os atos de vandalismo. Entretanto, muitas vezes não é possível identificar o torcedor que comete esses atos, como pertencente à TOF, pois como já dito anteriormente, torcedores comuns têm acesso aos materiais da TOF e também ao seu espaço no estádio.

A diretoria da TOF tenta conscientizar seus membros, mas não tem como controlar o acesso ao seu pedaço, a utilização do seu material e o do Clube, nem a mídia, acabando por colocar a culpa na organizada pelo que acontece próximo ao seu pedaço. Para tanto, a proposta é para que seja criado um setor exclusivo para a torcida organizada.

Esta proposta parece ser viável pelo fato da Kyocera Arena já ser um estádio setorizado. A colocação de uma catraca exclusiva para entrar no pedaço da TOF fará com que os indivíduos possam ser identificados tanto pelos membros da TOF como pelos membros do Clube, o que pode fazer com que as atitudes impensadas e descontroladas diminuam, pois os torcedores perderão a sensação de anonimato.

A medida não precisa necessariamente estar atrelada a mudanças de valores nos preços dos ingressos, mas o Clube, em consenso com a TOF, poderia viabilizar os ingressos com uma maior facilidade para os torcedores que possuíssem a carterinha de sócio, indispensável para entrar no espaço reservado da torcida. Dessa forma, o Clube faria no estádio o que a PM já faz na rua que é a prevenção para que os atos aconteçam.

É válido dizer que esta pesquisa foi realizada junto a uma única torcida e que as medidas aqui cabíveis podem não ser aplicáveis a outras realidades. Portanto, acredita-se que a pesquisa de outras torcidas organizadas ajudarão a

desmitificar os rótulos que a mídia e a sociedade colocam sobre estes grupos sociais.

## REFERÊNCIAS

CAPRARO, André Mendes. **Pesquisa de campo na Educação Física (e esportes)**: Novos objetos para a “velha” etnografia. Curitiba: Mimeo, 2003.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato. **Ensaio sobre a indústria cultural**: refletindo a massificação dos esportes. Anais ENAREL, 2000.

\_\_\_\_\_. Abordagens científicas no campo do lazer. In: **VI Simpósio Internacional Processo Civilizador**. 2000, Assis. História, Educação E Cultura. São Paulo: Unesp, 2001. p. 297-307.

DUNNING, Eric. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer, In: **História Questões e debates – Esporte e Sociedade**. Curitiba-PR, Editora da UFPR, ano 20, n.39, 2003.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação do original**. The quest for excitement (1985). Tradução: Lisboa: Difel, 1992.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FURACÃO.COM. Notícias do Clube Atlético Paranaense. Disponível em <http://www.furacao.com>. Acesso em 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: RTC, 1989.

HANSEN, Viviane. **A presença feminina na Torcida Organizada Os Fanáticos**. Curitiba: Monografia de conclusão de curso apresentada: UFPR, 2003

HANSEN, Viviane. **As diferentes formas de participação do torcedor do Clube Atlético Paranaense na Apreciação do Esporte Espetáculo**. Curitiba: Monografia de especialização apresentada: PUC-PR, 2005.

IMPÉRIO ALVIVERDE. Informações sobre a Torcida Organizada Império Alviverde. Disponível em <http://www.imperioalviverde.com.br>. Acesso em 2006.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

MÁFIA AZUL. Informações sobre a aliança TOF e TMA. Disponível em <http://www.mafiaazul.com.br>. Acesso em 2006.

MAGNANI, J. G. Cantor e TORRES, Lilian De Lucca (orgs). **Na Metrópole**: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP 1996.

MAGNANI, J. G. Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. Tribos Urbanas: metáfora ou categoria. Disponível em <http://www.aguaforte.com/antropologia/magnani1>. Acesso em 2006.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: **A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2004.

ORKUT.COM. Comunidade da Torcida Organizada Os Fanáticos. Disponível em <http://www.orkut.com.br>. Acesso em 2006.

OS FANÁTICOS. Informações atualizadas sobre a TOF. Disponível em <http://www.osfanaticos.com.br>. Acesso em 2006.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Brohm e a organização capitalista do esporte. In PRONI, Marcelo e LUCENA, Ricardo (orgs). **Esporte história e sociedade**. Campinas – SP: Autores Associados, 2002.

REIS, Heloisa Helena Baldy. Espetáculo Futebolístico e Violência: Uma complexa relação. In DAÓLIO, Jocimar (org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas – SP: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **Futebol e violência**. Campinas – SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas - SP: Autores Associados, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas - SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: MAGNANI José Guilherme Cantor e TORRES, Lilan de Lucca (orgs). **Na metrópole**. São Paulo: Fapesp, 1996 b.

TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS. Notícias sobre a torcida. Disponível em <http://www.osfanaticos.com.br>. Acesso em 2005/2006.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. 2.ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1975.

VELHO; Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs). **Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

## **A N E X O**